

FACULDADE DE ARQUITECTURA

UNIVERSIDADE DE LISBOA

CASALINHO DA AJUDA. O EQUIPAMENTO COMO PONTE ENTRE CULTURAS

O EQUIPAMENTO COLECTIVO. NO ÂMBITO DO PARQUE DO RIO SECO



ANDREIA FILIPA SIMÕES LOPES

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM:

ARQUITECTURA

ORIENTADOR CIENTÍFICO:

PROFESSOR ARQUITECTO JOSÉ MANUEL AFONSO

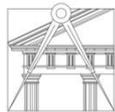
CO-ORIENTADOR CIENTÍFICO:

PROFESSORA DOUTORA MARIA MANUELA MENDES

JÚRI:

PRESIDENTE PROFESSORA DOUTORA ISABEL MARIA AUGUSTO SOUSA ROSA

VOGAL PROFESSOR DOUTOR FRANCISCO JOSÉ DE ALMEIDA SANTOS AGOSTINHO



U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITECTURA

UNIVERSIDADE DE LISBOA

TÍTULO:

CASALINHO DA AJUDA. O EQUIPAMENTO COMO PONTE ENTRE CULTURAS

SUBTÍTULO:

O EQUIPAMENTO COLECTIVO. NO ÂMBITO DO PARQUE DO RIO SECO

ANDREIA FILIPA SIMÕES LOPES

LICENCIADA

TEMA:

EQUIPAMENTO COLECTIVO/ CULTURAL

SUB-TEMA:

O EQUIPAMENTO COMO FACTOR DE INCLUSÃO SOCIAL E ESPACIAL

ORIENTADOR CIENTÍFICO:

PROFESSOR ARQUITECTO JOSÉ MANUEL AFONSO

CO-ORIENTADOR CIENTÍFICO:

PROFESSORA DOUTORA MARIA MANUELA MENDES

JURI:

PRESIDENTE PROFESSORA DOUTORA ISABEL MARIA AUGUSTO SOUSA ROSA

VOGAL PROFESSOR DOUTOR FRANCISCO JOSÉ DE ALMEIDA SANTOS AGOSTINHO

Resumo: (196 palavras)

A presente dissertação, intitulada *Casalinho da Ajuda. O Equipamento como ponte entre culturas*, aborda o tema do equipamento colectivo, reflectindo sobre a sua problemática e o impacto que este pode ter ao nível da relação social entre os indivíduos da área de intervalo. A dissertação apresenta dois momentos distintos, uma primeira parte referente à pesquisa e uma segunda parte referente ao caso prático de projecto.

Pretende-se com este trabalho focar e desenvolver uma investigação direccionada para o estímulo do contacto social no espaço do equipamento colectivo, criando oportunidades de encontro e despoletar o interesse pela apropriação e interação social.

Sendo este tema da interação social cada vez mais discutido, é necessário uma leitura critica sobre as formulações teóricas e práticas contemporâneas, garantido a total coexistência entre arquitectura e sociedade.

Do ponto de vista do projecto, partindo de uma análise histórica e morfológica do território, procurámos soluções que ditem novas estratégias de intervenção, quer no contexto do Parque Urbano do Rio Seco, quer no contexto particular da área envolvente ao Bairro da Casalinho da Ajuda. Estas soluções procuram uma maior relação do espaço com o meio, e uma maior relação entre as funcionalidades propostas e a população.

Palavras-chave: Bairro; Vizinhança; Equipamento; Diversidade Social; Modos De Vida.

Abstract: (199)

This dissertation, titled *Casalinho da Ajuda, Equipment as a bridge between cultures*, covers the theme of public space, reflecting on the problems and the impact that it can have on a social level between individuals in the study area. This dissertation presents two distinct sections, the first refers to the research and the second to the practical side of the project.

The objective of this project is to focus on and develop an investigation aimed at stimulating social contact within the public space, creating opportunities to meet and stimulating interest in appropriacy and social interaction.

Considering that the theme of social interaction is increasingly under discussion, a critical viewpoint on the theoretical and practical contemporary formulae is needed in order to guarantee total coexistence between architecture and society.

From the project's point of view, starting with an historical and morphological analysis of the area, we sought solutions which required new intervention strategies, whether in the context of the Rio Seco Urban Park or in the private context of the area surrounding Bairro do Casalinho, in Ajuda. These solutions seek a greater connection between the space and its surroundings and a stronger relationship between the proposed features and the population.

Key-words: neighbourhood, neighbours, equipment, social diversity, lifestyles

Índice:

Introdução	3
Enquadramento.....	3
Objetivos.....	3
Hipóteses de Trabalho.....	4
Metodologia e investigação	4
Estrutura da dissertação.....	5
Capítulo I. Enquadramento Teórico.....	7
Espaço público e diversidade social.....	10
Equipamentos coletivos.....	11
Capítulo II. Contextualização da Proposta de Intervenção.....	15
Objetivos e Estratégia de Intervenção Urbana.....	19
Capítulo III. O Bairro e a sua população	23
Breve caraterização do bairro no contexto da cidade de Lisboa.....	25
Caraterização social e demográfica da população do bairro	26
Perspetivas da população sobre o bairro e necessidades ao nível de espaços e equipamentos públicos.....	29
Capítulo VI. Casos de Estudo	31
Caso 1. Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco	35
Caso 2. Plataforma das Artes e Criatividade para a Capital Europeia da Cultura	37
Caso 3. Escola Secundária Virgílio Ferreira.....	39
Síntese Conclusiva.....	41
Capítulo V. Proposta de intervenção projetual	43
O Equipamento colectivo - razões de uma escolha	45
Objectivos da Proposta de Intervenção.....	45
Programa Base.....	46
O Equipamento – Proposta Arquitectónica.....	48
Peças Desenhadas.....	53
Índice de Peças Desenhadas	55
Notas Finais.....	57
Bibliografia	59
Anexos.....	63
I – Painéis Semestre I.....	65
II – Maquetes	75

Índice de Figuras

Fig. 1 Vazios Urbanos	17
Fig. 2 Rio Seco – Edifícios em zonas em risco de ruína	18
Fig. 3 Cidade Rio (à esquerda) e Cidade Verde (à direita).....	19
Fig. 4 Parques da cidade	19
Fig. 5 Elétrico do Rio Seco	20
Fig. 6 Planta geral do Parque do Rio Seco.....	22
Fig. 7 Bairros consolidados	25
Fig. 8 Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco.....	35
Fig. 9 Pista de Gelo Sintético do CCC de Castelo Branco (piso 0)	36
Fig. 10 Plataforma das Artes e Criatividade de Guimarães	37
Fig. 11 Praça Edifício Norte Plataforma das Artes e Criatividade de Guimarães .	38
Fig. 12 Escola Sec. Virgílio Ferreira	39
Fig. 13 – Imagem ilustrativa, Entrada principal do Edifício	46
Fig. 14 Diagrama de usos.....	47
Fig. 15 Diagrama do percurso expositivo	48
Fig. 16 Planta Cota 65.05, escala 1/200	49
Fig. 17 Corte Auditório, escala 1/200	50
Fig. 18 Esquema de montagem dos painéis da fachada	50
Fig. 19 Alçado Principal, escala 1/200	51
Fig. 20 Painel 1 – Integração na cidade.....	67
Fig. 21 Painel 2 – Proposta Urbana	68
Fig. 22 Painel 3 – Planta piso térreo – Escala 1/500.....	69
Fig. 23 Painel 4 – Planta cobertura – Escala 1/500.....	70
Fig. 24 Painel 5 – Escala 1/200	71
Fig. 25 Painel 6 – Corte Fachada – Escala 1/20	72
Fig. 26 Painel 7 - Maquetes	73
Fig. 27 Maquete Escala 1/500, Contexto na Cidade.....	77
Fig. 28 Maquete Escala 1/500, Contexto na Cidade (2)	78
Fig. 29 Maquete Escala 1/500, Contexto na Cidade (3)	79
Fig. 30 Maquete Escala 1/500, Contexto na Cidade (4)	80
Fig. 31 Maquete Proposta Urbana, Escala 1/200	81
Fig. 32 Maquete Proposta Urbana, Escala 1/200 (2).....	82
Fig. 33 Maquete conceptual, Escala 1/200	83
Fig. 34 Maquete conceptual, Escala 1/200 (2).....	84

Índice de Quadros

Quadro 1 – Edifícios e alojamentos por tipo e por número de divisões, 2011....	26
Quadro 2 – Famílias por número de elementos	27
Quadro 3 – Estrutura etária da população residente, 2011	27
Quadro 4 – População residente por nível de escolaridade (completo), 2011....	28
Quadro 5 - População residente por condição perante a actividade económica, 2011.....	29

Agradecimentos

À minha família, pai, mãe, Mags e Bia, por todo o apoio, encorajamento e paciência.

Ao homem da minha vida, Ivo.

Aos amigos do "Aquário 7" que estiveram sempre presentes,

Carlos, Joel e Jorge.

Aos professores José Afonso e Manuela Mendes pelo acompanhamento e conhecimentos partilhados.

Enquadramento

No âmbito do Trabalho Final de Mestrado em Arquitetura, o Bairro do Casalinho da Ajuda é o contexto de estudo e de intervenção selecionado; trata-se de um Bairro de gestão municipal que tem características similares a outros desta natureza, mas apresentando também singularidades que lhe dão um cunho característico. De destacar que neste conjunto habitacional é perceptível o mau estado geral dos edifícios e das várias zonas de transição e espaços vazios que se criam entre os edifícios.

O Bairro do Casalinho da Ajuda, criado nos anos 60, serviu essencialmente para acolher as famílias que ficaram desalojadas com o início das obras da primeira travessia sobre o Tejo. De acordo com os dados recolhidos em 2011 no âmbito dos Censos, residem no bairro um total de 1958 habitantes, subsistindo entre os residentes alguns problemas, como o insucesso e abandono escolar, exclusão social e carência sócio económica, consumo e tráfico de substâncias psicoativas e conflitos inter e intra étnicos.

Objetivos

O objetivo principal desta análise e proposta de intervenção ao nível urbano e arquitetónico passa por intervir na dinamização da área adjacente ao Bairro, que atualmente se apresenta como um vazio urbano. Neste sentido, uma das principais intenções implica dotar este espaço de um vasto leque de usos e funções, proporcionando a fixação e integração de novos grupos sociais neste local, promovendo-se a médio e longo prazo, uma coexistência social e espacial entre pessoas e grupos sociais com modos de vida diferentes. De referir ainda que o bairro dispõe de uma vista privilegiada sobre a zona do rio Tejo, fazendo fronteira com o parque de Monsanto.

A proposta projectual prevê a inclusão de um equipamento coletivo na proximidade do Casalinho da Ajuda, tendo como intuito trazer para aqui novas formas de viver os espaços e criar oportunidades de interação entre residentes e não residentes.

A nosso ver, a inclusão de um equipamento coletivo pode promover a convivência entre grupos sociais e culturais distintos e que geralmente têm poucas oportunidades de se conhecerem. Pode, ainda, facilitar o acesso a atividades coletivas por parte de populações desfavorecidas e excluídas de eventos e iniciativas mais ligadas a uma "cultura erudita".

A implantação estratégica do novo equipamento coletivo pretende estabelecer uma "ponte" de ligação entre a zona norte da área de intervenção, e que diz respeito ao Bairro do Casalinho da Ajuda, e o ponto mais a Sul, próximo da Rua do Cruzeiro, havendo a intenção de se criar novas zonas habitacionais de caráter privado, minimizando-se assim a barreira física criada pela Via da Meia Encosta (prevista no novo PDM e incluída na proposta urbana de projeto para o local), procurando desta forma manter a continuidade do espaço público.

A componente de investigação deste Trabalho Final de Mestrado tem como fio condutor a procura de respostas à seguinte questão:

De que modo um equipamento cultural pode contribuir para a inclusão social e espacial de pessoas e grupos sociais com modos de vida distintos?

Como respostas provisórias a esta questão, formulámos as seguintes hipóteses:

1. A inclusão no território em análise de um equipamento coletivo facilita a proximidade e a convivência entre grupos sociais e culturais distintos.
2. A inclusão de um equipamento na área de intervenção procura promover o acesso a atividades coletivas e culturais por parte das populações desfavorecidas e excluídas face a eventos e iniciativas mais ligadas a uma "cultura erudita".
3. A implantação estratégica do novo equipamento coletivo vai estabelecer uma "ponte" de ligação entre a zona norte da área de intervenção e o ponto mais a Sul, aproximando pessoas e territórios.

Esta proposta assenta em alguns conceitos-chave que serão explorados com maior desenvolvimento no capítulo 1 (enquadramento teórico), a saber: Bairro; Vizinhança; Equipamentos; Diversidade Social; Modos De Vida.

Metodologia e investigação

Este trabalho desenvolve-se em duas partes distintas mas interdependentes e que se influenciam mutuamente: numa primeira fase procurou-se fazer uma análise bibliográfica e centrada nos conceitos acima enunciados e efetuar um levantamento e análise de casos de estudo relacionados com a proposta de intervenção. Também realizamos uma breve análise estatística aos dados do último recenseamento para caracterizar o bairro e seus moradores, bem como, se realizaram algumas observações diretas no bairro e estabelecer alguns contatos com os residentes, de modo a perceber quais as necessidades da população e que tipo de equipamento faz sentido propor na área de intervenção. O objetivo será perceber a partir dos resultados, a adequação dos espaços propostos a nível projectual ao perfil dos utilizadores.

A segunda fase passou pela aplicação prática a nível projectual dos conhecimentos adquiridos anteriormente na fase de investigação, em que o objetivo principal passou pelo desenvolvimento de um equipamento coletivo. A fase de investigação tornou-se fundamental para a definição do tipo, valências e funções do equipamento a propor.

Em síntese neste estudo adotou-se uma metodologia de casos de estudo, ou seja, uma abordagem de carácter qualitativo, em que se irá mobilizar algumas técnicas de recolha e análise de informação (observação direta, análise documental) para perceber o fenómeno estudado na sua totalidade e múltiplas dimensões.

Esta recolha informativa contribuiu para a criação do programa para um equipamento coletivo a ser desenvolvido a nível projectual e que pretende contribuir para o bem-estar social e qualidade de vida dos residentes e utilizadores da área de intervenção.

Estrutura da dissertação

Esta dissertação encontra-se organizada em cinco capítulos distintos, sendo que cada um deles surge no seguimento do anterior, tentando organizar o pensamento de forma lógica, partindo da escala da cidade e terminando na escala urbana do bairro e do quarteirão.

No primeiro capítulo apresenta-se um enquadramento teórico sobre as temáticas centrais abordadas no PFM, como o Bairro e as relações sociais, e a importância dos equipamentos colectivos na organização e estruturação dos mesmos.

O segundo capítulo refere-se à contextualização da intervenção e a Proposta Urbana, onde foram delineados e pensados todos os elementos constituintes da cidade, desde a rua, à praça, ao parque, acessibilidades e transportes.

Partindo da escala do urbano chegamos depois à escala do Bairro, onde no capítulo III se procede a uma breve descrição do Casalinho da Ajuda, assim como da sua população, tentando perceber quais as suas necessidades para conseguir dar resposta às mesmas.

O quarto capítulo mostra e descreve alguns casos de estudo que foram tidos em consideração para a elaboração da proposta arquitetónica. Na escolha dos diferentes casos de estudo houve a intenção de que todos eles se situassem em Portugal.

No capítulo V partimos então para a proposta projectual, onde justificamos as razões das escolhas feitas no desenrolar do projecto, bem como os diferentes objectivos a que nos propomos com a abordagem feita ao nível deste PFM. Neste capítulo é feita uma descrição do programa base e da proposta arquitectónica em causa.

Capítulo I. Enquadramento Teórico

A proposta projectual que aqui se apresenta passou pela proposição de um equipamento coletivo que procurou fortalecer as relações de vizinhança no interior e com a envolvente ao Bairro do Casalinho da Ajuda. Ou seja, pretende ser um elemento fomentador de coesão social.

A cidade de Lisboa, vista pelo projecto LX-Europa 2020 (CML, 2012) como uma cidade multicultural e promotora de inovação social, é ainda considerada uma cidade de bairros, atrativa em termos de turismo, recursos e população.

Neste contexto torna-se necessário compreender o conceito de Bairro e a importância que este ainda detém na sociedade contemporânea.

Autores como Lefebvre(1967) e Remy e Voyé (Remy e Voyé, 1994, 18) fazem referência à grande diversidade de modos de vida que podemos encontrar nos bairros de uma dada cidade e que resultam de uma determinada localização no território, de um tipo de edificado e das diferentes apropriações do espaço associadas à heterogeneidade de quem lá habita.

Segundo (Lefebvre, 1976, 213 e 214) o bairro implica "(...) uma forma de organização do espaço e do tempo da cidade. (...) é o microcosmos do peão, que percorre um certo espaço num certo tempo, sem ter necessidade de utilizar um veículo."

O conceito de bairro funciona como uma "comunidade agregada e identificada em torno de uma escola e outros equipamentos, serviços e actividades deste nível. (...) Cada bairro tende a ser auto sustentável na medida em que procura autonomia no equilíbrio entre procura e ofertas, cargas e capacidades de infra estruturas, equipamentos e serviços" (Costa Lobo, 1998, 98).

O bairro surge então como um elemento fundamental nas relações que se estabelecem entre os indivíduos e grupos sociais, sendo que o espaço público assume uma importância crucial na constituição e vivência de um Bairro.

Partindo do princípio que um mesmo espaço pode acolher diferentes utilizadores, fica por descodificar que tipo de espaço tem capacidade para acolher actividades e públicos diferentes, para que a sua coexistência se torne possível.

É a falta de um espaço público que responda, no seu conjunto, a este tipo de actividades que cria alguns dos problemas existentes num dado bairro. A falta de actividades entre os edifícios e respetivos espaços públicos leva a uma carência de contacto entre os indivíduos.

Para Gehl (2003, 25). "A vida entre os edifícios oferece a oportunidade de estar com os outros de um modo relaxado e cómodo (...) Estar com outras pessoas, vê-las, ouvi-las, e receber estímulos, constituem experiências positivas, alternativas a estar só"

A forma urbana e a organização do espaço público é um factor de aglutinamento social e de criação de identidades e é através deste que a sociedade se torna visível e se pode tentar compreender a história de uma cidade.

Para Jordi Borja, uma cidade é “um lugar com muita gente” (2000,13), composto por espaços públicos, pontos de encontro, com as suas ruas, praças e espaços colectivos.

O espaço público é o elemento determinante da forma da cidade e da sociabilização da vida urbana. Funciona como um elemento organizador do território capaz de suportar diversos usos e funções. É um espaço organizativo do bairro, articulador da cidade e estruturador do urbano.

As cidades de hoje são marcadas pela diferença, abertas à evolução e à diversidade. O espaço público assume um papel integrador ao permitir a ligação e a continuidade territorial e funcional da cidade, fundando e consolidando laços sociais, respondendo a funções variadas e usos específicos, acolhendo utilizadores de grupos sociais diferentes, com diferentes objetivos e expectativas.

Assim sendo, e considerando a diversidade e o intercâmbio social, uma dimensão fundamental nas cidades de hoje, torna-se importante que nas mesmas se criem oportunidades de contacto e mistura funcional e social, multiplicando os espaços de encontro para que os espaços públicos se mostrem singulares e significativos, capazes de servir a população residente e também os restantes cidadãos e visitantes, muitas das vezes ligados a espaços de sociabilização, com componentes de recreio e lazer.

É nos espaços públicos que se expressa a diversidade, se produz o intercâmbio e se aprende a tolerar e a viver com os outros. A qualidade, a multiplicação e a acessibilidade aos espaços públicos definem, em grande média, a cidadania.

As cidades têm vindo a sofrer fortes modificações geradas pela entrada de populações imigrantes de origem estrangeira. O conceito de multiculturalidade ou diversidade social vêm então designar uma cidade onde habitam grupos culturalmente distintos devido à intensidade dos fenómenos migratórios e à enorme atracção das cidades-metrópoles.

A presença de diferentes culturas num mesmo espaço implica que haja diferentes maneiras de construir, viver e perceber a realidade social. Estas diferenças sociais traduzem-se na possibilidade de os indivíduos ampliarem as suas experiências culturais na sociedade, à medida que podem recriar, dentro de outros valores, normas, ideias, hábitos e crenças, a sua própria cultura.

Acontece que, por vezes, estas diferenças podem gerar desigualdades sociais à medida que os homens estabelecem entre eles relações de poder, dominação, discriminação e divisão do trabalho social. É então preciso ter muita atenção para que a diferença não seja confundida com a desigualdade social.

Numa sociedade democrática, todos têm direito à diferença, bem como à convivência com ela. Contudo, importa respeitar as diferenças, evitando qualquer forma de racismo, preconceito ou discriminação.

Equipamentos coletivos

Os equipamentos coletivos assumem assim um papel fundamental na definição da qualidade de vida das populações, conferindo ao bairro novas possibilidades de vivência, dando-lhe melhor inserção na envolvente e diminuindo as disparidades sociais (Lacaze, 1995). A função do equipamento vai impulsionar o fluxo do bairro e trazer uma maior vivência entre a população e o bairro.

O conceito de "Equipamentos Colectivos" é definido pela Direção Geral do Ordenamento do Território e do Urbanismo (DGOTDU) enquanto "Edificações onde se localizam actividades destinadas à prestação de serviços de interesse público imprescindíveis à qualidade de vida das populações", será o conceito tido em consideração no desenvolvimento deste projecto (2002, 6).

Para definir o tipo de equipamento que irá ser criado, suas valências e funções, é fundamental perceber o motivo de utilização por parte dos indivíduos, assim como as suas carências; desta forma o equipamento pode dar resposta às reais necessidades dos potenciais utilizadores.

De modo a assegurar que este seja um espaço vivido e que cumpra a função de servir as pessoas e a cidade (Gehl, 2004), torna-se necessário estabelecer alguns parâmetros que caracterizem o espaço público e o equipamento, tais como a identidade; a continuidade e permeabilidade; a segurança; o conforto e apazibilidade; a acessibilidade e mobilidade; a diversidade e adaptabilidade e a sustentabilidade social.

No entender de Freitas (1969, 59), "É a qualidade desse equipamento, a sua composição e distribuição, o justo equilíbrio entre as necessidades que vão surgindo e os serviços que se prestam, que distinguem uma cidade de um simples aglomerado de habitação" Assim, os equipamentos são causa e consequência do desenvolvimento económico e social e têm um papel determinante na organização da cidade e do bairro.

Segundo o Regulamento do Plano Director Municipal de Lisboa, os equipamentos colectivos "são equipamentos de promoção e propriedade pública ou classificados de interesse público que compreendem as instalações e locais destinados a actividades de formação, ensino e investigação e, nomeadamente, a saúde e higiene, segurança social e pública, cultura, lazer, educação física, desporto e abastecimento público" (Câmara Municipal de Lisboa, Regulamento do PDM de Lisboa, artigo 7º:42, 2012).

O seu papel é satisfazer as necessidades das populações e contribuir para a evolução permanente das áreas urbanas em que se inserem, resultado do progresso tecnológico e do desenvolvimento socioeconómico. (Costa Lobo, 1995: 86)

A designação e significado atribuído ao termo equipamento coletivo tem sofrido alterações ao longo do tempo, sendo que, a partir dos anos 50 começa a ganhar uma maior importância, em Portugal, e ao nível do planeamento urbano e da organização das cidades.

A programação deste tipo de equipamentos tem contribuído para uma distribuição equilibrada das funções (habitação, trabalho, cultura e lazer) e bem-estar da população. Os equipamentos estão associados à estruturação, organização e orientação do tecido urbano, através da sua inserção numa malha urbana. A concentração ou dispersão dos equipamentos gera diferenças na estrutura e no desenvolvimento dos territórios.

A Cidade-Jardim (finais do séc. XIX) com a sua estrutura radiocêntrica compartimentada em diferentes zonas – residencial, recreativa, industrial e agrícola, um modelo de cidade concebido por Ebenezer Howard, foi pensada de modo a que todos os pontos se encontrassem a uma distância confortável para o homem, os equipamentos foram planeados como elementos de referência no espaço urbano.

Na Cidade Moderna, os equipamentos surgem como elementos subordinados à habitação, à funcionalidade e à racionalidade. Esta ideia é levada ao limite por Le Corbusier (1887-1965), quando concebeu as “unidades de habitação” (1920), concentrando num único edifício toda a dinâmica da vida urbana.

Segundo a Carta de Atenas (1933), a localização e inserção urbana dos equipamentos, a sua proximidade ou afastamento, surge sempre associadas ao tipo de atividade e à frequência de utilização que estes assumem, deixando os equipamentos de utilização diária na proximidade dos bairros e zonas habitacionais, e os equipamentos de utilização semanal organizados à volta da cidade, em zonas amplas e de fácil acesso através de meios de transporte.

No séc. XXI, com a consolidação e propagação da ideia das Cidades Sustentáveis, em que aumentam as preocupações com o meio ambiente e com a escassez dos recursos naturais, e em que os edifícios têm que passar a ser auto sustentáveis, de modo a minimizar o seu impacto no meio ambiente, também os equipamentos coletivos passam a ter que dar resposta a estas novas necessidades, tendo que ser acessíveis a todos e elementos de coesão social.

[...] o objectivo consiste em considerar as necessidades da vida social de todas as gerações, assim como criar novas actividades adequadas aos ritmos específicos das pessoas reformadas e dos mais velhos, nomeadamente na concepção, utilização e localização dos espaços exteriores públicos (...) a cidade coerente do séc. XXI (...) deverá assegurar um melhor acesso à educação, à saúde e ao maior número de equipamentos possível (Concelho Europeu de Urbanistas, 2003a:7).

A inserção dos equipamentos coletivos no território deve ser pensada como forma de planificação e crescimento da cidade, contribuindo para uma boa

organização e dinamização das cidades, assim como, para a melhoria de vida dos cidadãos. É um elemento arquitectónico que se destaca, com preocupações de inserção na envolvente e, por consequência, de criação de espaços de vivência.

Na implementação de um equipamento coletivo torna-se importante perceber a composição urbana, quanto aos usos, à organização de fluxos e a relação entre eles, ponderando-se assim sobre todos os fatores envolvidos, uma vez que tal estrutura irá causar um grande impacto na vivência urbana.

Este planeamento deverá ter em consideração fatores como a população a que o equipamento se irá destinar, o território em que se insere e a rede de equipamentos coletivos já existentes.

Capitulo II. Contextualização da Proposta de Intervenção

A cidade de Lisboa, quando observada como um todo, apresenta-se como um "organismo" heterogéneo mas consolidado e coeso, onde diariamente milhares de pessoas têm acesso a uma enorme diversidade de funções de apoio à sua vida quotidiana.

Quando partimos para uma análise mais detalhada, essa continuidade revela-se fragmentada ou ausente em inúmeras áreas, chegando a pôr em causa o curso natural das atividades humanas e a qualidade de vida de quem a habita.

Fig. 1 Vazios Urbanos



Fonte: elaboração própria, 2013

O objetivo inicial deste trabalho passa por intervir sobre uma área específica da cidade de Lisboa, próxima do centro histórico da cidade, concretamente a zona do Vale do Rio Seco, na freguesia da Ajuda.

A freguesia da Ajuda, reconhecida como tal no ano de 1551, situa-se na parte Ocidental da cidade de Lisboa, e é delimitada a Norte pelo Parque Florestal do Monsanto e a sul por Belém.

É em 1755, aquando do Terramoto que afectou gravemente toda a Cidade de Lisboa, que se verifica um grande crescimento a nível populacional, com a população que ficou desalojada devido às cheias e veio procurar abrigo em cotas mais elevadas para se instalar.

O vale do Rio Seco é um local com “características geológicas muito particulares, tendo sido o leito de um rio, ladeado por dois grandes desfiladeiros, ou margens em precipício, construídos pelas águas ao longo dos tempos. No terço inferior da margem direita existe uma enorme caverna, da altura de um prédio de três andares”. (Amaro, 2004).

A zona de estudo em causa está fortemente condicionada pela sua composição geológica e pelo relevo que apresenta. Apesar de na zona da Ajuda o nível de segurança ser superior ao que encontramos em Belém, a zona do Rio Seco apresenta-se como uma excepção devido ao acentuado declive que se verifica na zona, afigurando-se como um risco a construção em determinados locais.

Trata-se de um local que, na pré-história, pensa-se ter servido de albergue a animais e, mais tarde, também a humanos, mas que hoje dá lugar a grutas entulhadas e (algumas) convertidas em depósitos de lixo. Este local vê-se ainda devastado pelas construções de grande porte que se vêm em cima de cada desfiladeiro, mesmo à beira dos precipícios, algumas delas em zonas em risco de ruína.

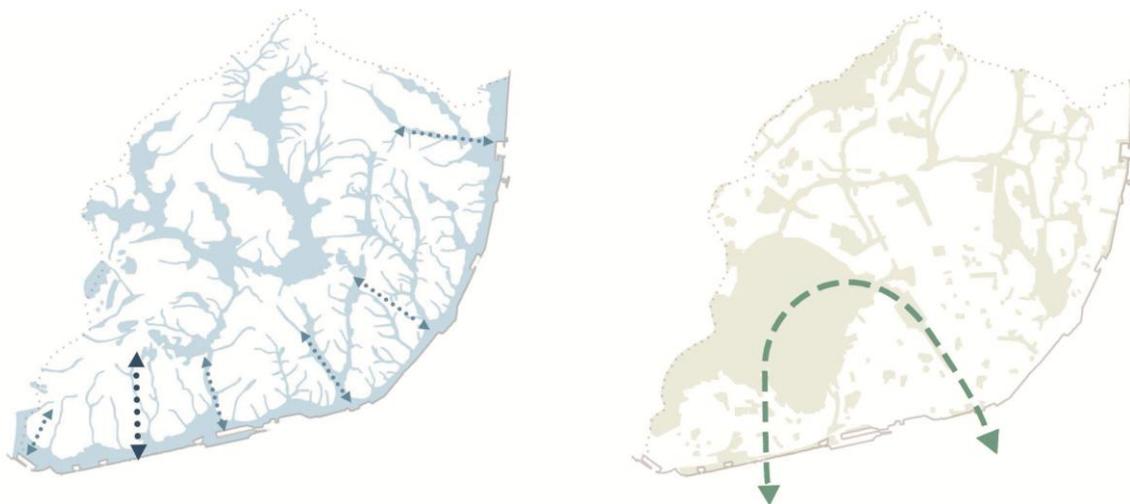
Fig. 2 Rio Seco – Edifícios em zonas em risco de ruína



Fonte: Fotografias do autor

Nesta cidade que se relaciona com o rio através de vales, importa criar oportunidades de regeneração urbana através do vale do rio seco. A intervenção urbana que propomos pretende criar uma nova centralidade que cosa a cidade dando continuidade ao corredor verde central, fazendo então a ligação entre o Parque do Monsanto e a zona Ribeirinha através de um corredor verde, o "Parque do Rio Seco".

Fig. 3 Cidade Rio (à esquerda) e Cidade Verde (à direita).



Fonte: elaboração própria, 2013

O novo Parque do Rio Seco vem funcionar não só como um elemento de ligação na cidade, mas também como elemento regenerador da mesma, procurando-se assim introduzir na cidade de Lisboa, e mais em concreto na zona da Ajuda e áreas envolventes do Parque, novos paradigmas e novas formas de viver a cidade.

O corredor verde que é proposto tem a extensão de 19 ha. Pelas suas dimensões poderá ser equiparado a outros parques da cidade, como o Jardim do Campo Grande, com 11,1 ha, ou até mesmo o Parque Eduardo VII, com 26 ha. Nesta situação, o novo parque, apresenta-se como um estreito braço que faz a ligação entre o Rio Tejo e o Parque de Monsanto, este com uma área de 9000 ha.

Fig. 4 Parques da cidade



Fonte: elaboração própria, 2013

Do ponto de vista da acessibilidade e mobilidade na cidade de Lisboa, torna-se importante que com estas novas ligações se criem novos percursos e se fortaleçam os já existentes. Exemplo disso mesmo é o percurso transversal ao rio Tejo, na zona Ribeirinha entre Alcântara, o Cais do Sodré e o Terreiro do Paço e, por sua vez, o percurso perpendicular ao Rio, e que acompanha o braço do Rio Seco, que se faz entre Belém, a Ajuda e o Pólo Universitário.

A criação de um elétrico temático que se faz passear pelo Parque do Vale do Rio Seco ao Monsanto, com paragem em diversos pontos de interesse turístico e cultural e a implementação de ciclovias e passeios pedonais vêm incrementar a importância destas ligações e também de certa forma fazer a ligação entre os dois polos da Universidade de Lisboa.

Fig. 5 Elétrico do Rio Seco



Fonte: elaboração própria, 2013

As transformações aqui propostas e todas as intervenções arquitetónicas previstas para esta área são intervenções a longo prazo, e que resultam do trabalho conjunto e propostas dos alunos do 5º ano de Arquitectura. Num primeiro período de 10 anos está prevista a demolição do edificado devoluto e sem condições de habitabilidade. Está também prevista a demolição do edificado existente no limite do Parque, a limpeza e modelação do terreno para a definição dos novos limites e a consequente renaturalização do Rio Seco. Num período de transição de 10 a 40 anos está prevista a primeira fase de construções no limite entre a cidade e o Parque, incluindo a criação de estacionamento subterrâneo público que abrange os edifícios existentes. Nesta fase será também dado início aos trabalhos sobre os equipamentos centrais e de apoio (estabelecimentos de ensino, mercados e outros equipamentos culturais e de lazer) a toda esta nova área, que num espaço de 50 anos irá sofrer toda uma transformação ao nível dos espaços públicos, do edificado e da população que lá vai habitar.

Fig. 6 Planta geral do Parque do Rio Seco



Fonte: elaboração própria, 2013

Capítulo III. O Bairro e a sua população

Breve caracterização do bairro no contexto da cidade de Lisboa

O terramoto de Lisboa de 1755 trouxe grandes implicações para a cidade de Lisboa, em que as alterações mais visíveis deram-se ao nível da população, da sua organização social e do edificado. Com as deslocações populacionais para cotas mais altas e para zonas mais afastadas do rio Tejo, os aglomerados populacionais começaram a aumentar e, a partir desta altura, começam a surgir os primeiros bairros consolidados, construídos em sítios estratégicos consoante a necessidade de albergar mais pessoas.

Com diferentes morfologias, os bairros que pontuam a cidade de Lisboa, vão se distribuindo pelo território devido à história dos mesmos e das pré-existências, sendo que, na zona da Ajuda, os mais antigos, como o Bairro da Ajuda, se encontram mais a sul, e os bairros mais recentes localizam-se junto ao atual Pólo Universitário, onde podemos encontrar o bairro do Casalinho da Ajuda e o 2 de Maio.

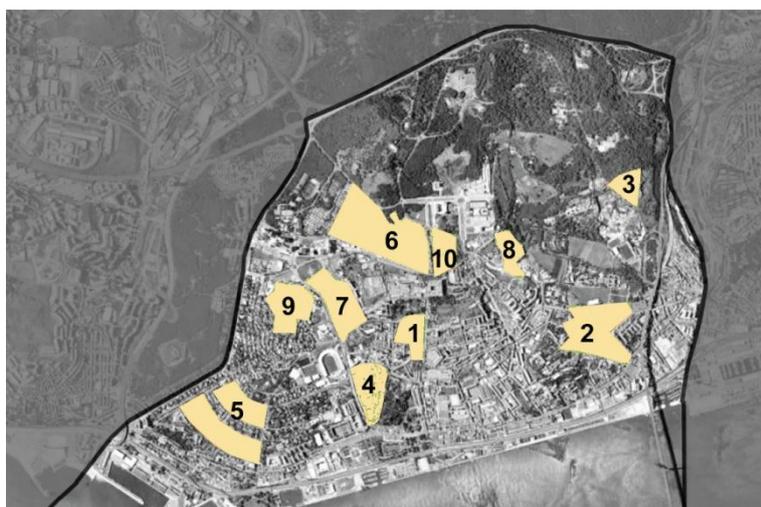


Fig. 7 Bairros consolidados

1. Bairro da Ajuda (2ª metade sec. XVIII)
2. Bairro Santo Amaro de Oeiras (1893)
3. Bairro do Alvito (1933-1937)
4. Bairro Novo de Belém/Bairro das Terras do Forno (1933-1938)
5. Bairro do Restelo – Rua Duarte Pacheco Pereira (1938-1940)
6. Bairro Caramão (1947-1949)
7. Bairro do Restelo – Avenida Ilha da Madeira (Anos 60-70)
8. Bairro Casalinho da Ajuda (Anos 60-70)
9. Bairro do Restelo – EPUL (1972)
10. Bairro 2 de Maio (Início anos 70)

Fonte: elaboração própria, 2013

No início do século XX, no bairro do Casalinho da Ajuda, começam a surgir as primeiras casas rodeadas por terras de cultivo, mesmo na orla do Parque Florestal de Monsanto e muito perto do Palácio da Ajuda.

Com as obras da Ponte 25 de Abril, em 1960, as famílias foram desalojadas e tiveram que se abrigar em barracas provisórias. Em 1970 o bairro foi construído, segundo a política de urbanismo social do Estado Novo, com uma organização geométrica simétrica de arruamentos, evitando assim um crescimento desordenado da cidade, e garantido assim uma organização dos vários espaços: habitação, equipamentos e espaços verdes.

Em 1997 dá-se uma segunda fase de realojamentos no bairro, e assim a chegada de indivíduos oriundos dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Com o aumento do número de moradores começou então a sentir-

se a falta de infraestruturas que dessem resposta às necessidades de tantas famílias. Verificou-se ainda um agravar desta situação quando uma terceira fase de realojamento, em 2002, trouxe para o Casalinho da Ajuda famílias da comunidade cigana que até aquele momento se encontravam em alojamentos precários no Bairro 2 de Maio e junto ao Rio Seco.

Hoje, o PLH (Programa Local de Habitação) sugere a implementação de um Programa de requalificação, o BIP/ZIP (Bairros de Intervenção Prioritária). Os BIP são bairros que sofrem de carências sociais, degradação dos edifícios ou insuficiência de equipamentos públicos e transportes. O bairro do Casalinho da Ajuda apresenta-se como um dos bairros a necessitar de uma intervenção urgente, sendo que um dos objectivos principais do Programa passa por “fomentar a cidadania ativa, a capacidade de auto-organização e a procura colectiva de soluções através da participação da população na melhora das suas condições de vida nos território BIP/ZIP” (Camara Municipal de Lisboa [CML], 2013), permitindo assim o igual acesso das populações a bens e serviços sem discriminações.

Caraterização social e demográfica da população do bairro

Com o objectivo de conhecer as características e dinâmicas da população residente na área de intervenção, mais concretamente no bairro do Casalinho, efetuou-se uma análise estatística de algumas variáveis tratadas no âmbito dos Censos 2011 pelo INE (Instituto Nacional de Estatística).

De acordo com os dados obtidos para as 2 subsecções estatísticas onde o Bairro da Casalinho da Ajuda se encontra, regista-se um total de 513 alojamentos, sendo que 86,0% eram alojamentos clássicos de residência habitual e a maioria tinha entre 3 e 4 divisões.

Quadro 1 – Edifícios e alojamentos por tipo e por número de divisões, 2011

	Lisboa		Ajuda		Casalinho Ajuda	
	n	%	n	%	n	%
Total de Edifícios Clássicos	52496		2837		38	100,0
Total de Alojamentos	323981		8879		513	100,0
Alojamentos Clássicos de Residência Habitual	237247	73,2	6898	77,7	441	86,0
	Nº divisões dos Alojamentos Clássicos de Residência Habitual					
1 ou 2	10857	4,6	500	7,2	21	4,8
3 ou 4	111621	47,0	4138	59,9	288	65,3
5 ou +	114769	48,4	2260	2,8	132	29,9

Fonte: INE, Censos 2011.

Nestes alojamentos residiam, na altura dos censos, 1223 pessoas pertencentes a 447 famílias (INE, 2011). De acordo com esta fonte de informação as famílias residentes não são muito numerosas, sendo que 51,5% das mesmas são constituídas por 1 ou 2 pessoas. Na situação particular do Casalinho da Ajuda, a dimensão das habitações é superior à que é comum encontrar em bairros de habitação social, sendo que 65,5% das habitações têm entre 50 a 100m².

Quadro 2 – Famílias por número de elementos

	Lisboa		Ajuda		Casalinho Ajuda	
	n	%	n	%	n	%
Famílias Clássicas	243892	100,0	6982	100,0	447	100,0
Nº Total de Indivíduos	547733		15584		1223	
1 ou 2 pessoas	164696	67,5	4773	68,4	230	51,5
3 ou 4 pessoas	66790	27,4	1828	26,2	162	36,2
5 ou + pessoas	12406	5,1	381	5,5	55	12,3

Fonte: INE, Censos 2011.

A divisão da população do Casalinho da Ajuda por género é relativamente equilibrada, contudo a percentagem de mulheres residentes é ligeiramente superior, com 52,6%.

No que diz respeito à distribuição dos residentes por grupos etários, verifica-se uma elevada percentagem de pessoas com idades entre os 25 e os 64 anos, o que representa 49,8% da população, sendo que a população mais jovem com menos de 25 anos representam 26,8% da população, e a população mais idosa, com idade superior a 64 anos representa 23,4%.

Quadro 3 – Estrutura etária da população residente, 2011

	Lisboa		Ajuda		Casalinho Ajuda	
	n	%	n	%	n	%
Total de indivíduos residentes	547733		15584		1223	100,0
Total de homens residentes	250874	45,8	7120	45,7	580	47,4
Total de mulheres residentes	296859	54,2	8464	54,3	643	52,6
Indivíduos residentes com idade entre 0 e 4 anos	23676	4,3	627	4,02	62	5,1
Indivíduos residentes com idade entre 5 e 9 anos	23364	4,3	598	3,8	59	4,8
Indivíduos residentes com idade entre 10 e 13 anos	18948	3,5	499	3,2	49	4,0
Indivíduos residentes com idade entre 14 e 19 anos	28963	5,3	733	4,7	75	6,1
Indivíduos residentes com idade entre 15 e 19 anos	24457	4,5	617	3,9	63	5,2
Indivíduos residentes com idade entre 20 e 24 anos	29050	5,3	777	4,9	83	6,8
Indivíduos residentes com idade entre 25 e 64 anos	292772	53,5	7749	49,7	609	49,8
Indivíduos residentes com idade superior a 64 anos	130960	23,9	4601	29,5	286	23,4

Fonte: INE, Censos 2011.

No que toca ao nível de escolaridade da população residente no Casalinho da Ajuda (INE, 2011) é possível verificar que o nível de escolaridade dominante entre os residentes era o 1º ciclo do ensino básico (32,1%).

Um dos valores que se torna interessante analisar devido à proximidade física do bairro ao Polo Universitário de Ajuda, é o baixo número de indivíduos com curso superior completo (1,9%). Este valor acaba por se assumir como um indicador importante no desenrolar deste Trabalho Final de Mestrado e em algumas das opções que aqui são tomadas ao nível da proposta arquitetónica e do programa que aqui é sugerido.

Quadro 4 – População residente por nível de escolaridade (completo), 2011

	Lisboa		Ajuda		Casalinho Ajuda	
	n	%	n	%	n	%
Indivíduos res. sem saber ler nem escrever	16186	3,0	690	4,4	110	9,0
Indivíduos res. com o 1º ciclo do ensino básico completo	107156	19,6	4410	28,3	392	32,1
Indivíduos res. com o 2º ciclo do ensino básico completo	49333	9,0	1714	11,0	191	15,6
Indivíduos res. com o 3º ciclo do ensino básico completo	74782	13,7	2426	15,6	191	15,6
Indivíduos res. s com o ensino secundário completo	80869	14,8	2039	13,1	96	7,8
Indivíduos res. com o ensino pós-secundário	5142	0,9	128	0,8	5	0,4
Indivíduos res. com um curso superior completo	148413	27,1	2136	13,7	23	1,9

Fonte: INE, Censos 2011.

Ao analisar a população residente por nível de instrução (INE, 2011) constata-se que a percentagem de indivíduos residentes do Casalinho da Ajuda que não sabe ler, nem escrever é expressivo, atingindo 9% dos residentes, valor este que representa três vezes mais que a percentagem de indivíduos com as mesmas características, residentes no concelho de Lisboa, e até mesmo na freguesia da Ajuda.

No que se refere à condição da população residente perante a atividade económica, é importante referir que um segmento relevante da população que reside no Casalinho da Ajuda não desenvolve ou não exerce qualquer tipo de atividade económica (43,7%). Do número total de indivíduos desempregados (11,2%), apenas 1,6% se encontram nessa situação, enquanto 9,6% estão à procura de novo emprego. Existe um número substancial de indivíduos residentes que se encontram empregados (30,3%) e também de residentes pensionistas ou reformados (27,7%)

Quadro 5 - População residente por condição perante a actividade económica, 2011

	Lisboa		Ajuda		Casalinho Ajuda	
	n	%	n	%	n	%
Indivíduos res. desempregados	30839	5,6	1017	6,5	137	11,2
Indivíduos res. desempregados à procura do 1º emprego	6028	1,1	186	1,2	20	1,6
Indivíduos res. desempregados à procura de novo emprego	24811	4,5	831	5,3	117	9,6
Indivíduos res. empregados	229566	41,9	5512	35,4	370	30,3
Indivíduos res. pensionistas ou reformados	140676	25,7	5201	33,4	339	27,7
Indivíduos res. sem actividade económica	216834	39,6	7215	46,3	534	43,7
Total	648754		19962		1517	

Fonte: INE, Censos 2011.

Perspetivas da população sobre o bairro e necessidades ao nível de espaços e equipamentos públicos

Após observação directa e do registo de algumas conversas que mantivemos com os moradores do bairro e da sua envolvente, foi possível verificar que as principais queixas se prendem com a falta de infraestruturas, de arruamentos, da organização dos espaços públicos, com a precariedade das casas e mau funcionamento do saneamento básico.

Da parte da população do bairro observa-se uma baixa utilização de equipamentos e serviços culturais, o que deverá ser colmatada com a instalação de equipamentos de proximidade.

Um dos moradores com que conversamos, asseverou que:

(...) é importante termos um sitio onde as crianças possam estar quando não estão na escola, um sitio onde possam fazer os trabalhos de casa e terem actividades novas que as estimule(...). [morador do sexo feminino, 42 ano, Julho 2014]

Uma das prioridades passa por dar resposta ao nível do apoio ao estudo e à formação dos mais jovens, através da criação de um local de estudo e de um centro de formação, assim como a implementação de uma biblioteca e/ou centro de documentação com acesso livre à internet. As razões que subjazem a esta opção passa pela necessidade de colmatar o insucesso e abandono escolar, tendo em atenção a situação de precariedade sócio económica em que vivem algumas das crianças e jovens do bairro e sua envolvente.

Capítulo VI. Casos de Estudio

Os casos de estudo aqui apresentados e cuja análise serviu de apoio e justificação para algumas das opções apresentadas neste projecto final de mestrado, foram seleccionados tendo em conta alguns critérios que se tornam pertinentes para o desenvolvimento da proposta arquitectónica.

O principal critério de escolha prendeu-se com a localização e implantação espacial, deste modo, todos os casos seleccionados localizam-se em território nacional. Neste contexto, privilegiamos a proximidade e a facilidade com que podiam ser visitados e observados e, assim ter a possibilidade de estar nos locais e de vivenciar o espaço, usufruir ao máximo daquilo que cada um dos edifícios tem para oferecer à população.

A relação que cada um destes edifícios assume com a cidade e o lugar onde se inserem, permitem ao edifício assumir determinadas características que os tornam pontos de encontro e de partilha entre os membros da população, e este é também um dos aspectos que se pretende transpor para a proposta arquitectónica que esboçamos para o Casalinho da Ajuda.

Caso 1. Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco

Inaugurado no ano de 2013, o Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco, é um projecto da autoria do arquitecto Josep Lluís Mateo em parceria com o arquitecto português Carlos Reis, e localiza-se no Campo Mártires da Pátria, no centro da cidade, configurando-se como um local de encontro e lazer, capaz de estimular a criação artística e trazer novos públicos para o local.

Fig. 8 Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco



Fonte: Adrià Goula, in ArchDaily, 2013,

http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2013/12/52a670cde8e44e00d8000162_cultural-center-in-castelo-branco-josep-llui-s-mateo__mg_7153_54-2-530x245.jpg

O projeto surgiu na continuidade da requalificação da Praça Largo da Devesa, numa fase inicial com o objetivo de a completar, e depois, de a continuar. O objetivo formal da proposta arquitectónica passa por fazer o edifício flutuar, suspenso com apenas 2 apoios, para que a praça passe por baixo do mesmo, produzindo um edifício único e contínuo, em que todas as fachadas, coberturas e pisos assumam igual importância entre si.

Com uma forte presença arquitectónica, e inspirado na obra da arquitecta Lina Bo Bardi (1914-1992) e nos edifícios vizinhos dos antigos teatros e quarteis, é um edifício vazado, revestido a metal e madeira, com o seu programa dividido em 4 pisos. O piso de entrada e receção faz-se a uma cota mais baixa, onde se desenrola uma área expositiva para arte contemporânea, que vai então fazer a ligação com o nível seguinte, onde podemos encontrar o Auditório e a cafetaria que dá apoio ao equipamento. Num nível intermédio encontramos a Pista de Gelo Sintético.

Fig. 9 Pista de Gelo Sintético do CCC de Castelo Branco (piso 0)



Fonte: Adrià Goula, in ArchDaily, 2013,

http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2013/12/52a670a4e8e44ec623000168_cultural-center-in-castelo-branco-josep-llui-s-mateo__mg_6693_94-3.jpg

Tomando em consideração o clima extremo de Castelo Branco, o espaço da pista de gelo assume dois ambientes distintos, sendo que, no Verão, sofre uma metamorfose e transforma-se numa pista de patins de rodas, estabelecendo assim uma relação lúdica com o clima e com a praça. Para além disso, a forma concentrada e compacta do edifício permite minimizar as perdas de calor no Inverno e ganhos no Verão.

Do ponto de vista construtivo, o edifício apresenta-se como um desafio para quem o projecta. O facto de existirem poucos pontos de apoio no solo, trás inúmeras dificuldades construtivas e estruturais, principalmente no que diz respeito à transmissão e descarga das forças e do peso próprio do edifício.

Caso 2. Plataforma das Artes e Criatividade para a Capital Europeia da Cultura

Localizada no centro da cidade de Guimarães, na atual praça do mercado, a Plataforma das Artes, um projecto da autoria do atelier Pitágoras Arquitectos no ano de 2012, surge simultaneamente como um centro de criatividade e uma incubadora de artes.

O projeto para este equipamento passou pela transformação dos corpos que constituíam o Mercado Municipal e o espaço por eles definido num espaço multifuncional, dedicado à atividade artística, cultural e sócio económica. Desta forma, procurou-se recuperar uma área fundamental da cidade, integrando-a fisicamente na malha urbana, preservando a sua importância como referência fundamental na memória de Guimarães.

Fig. 10 Plataforma das Artes e Criatividade de Guimarães



Fonte: João Morgado, 2012,

http://www.joaomorgado.com/image/src=/uploads/projects/jm_plataformaartes_001.jpg&w=600&h=400&zc=2

O equipamento é constituído por três zonas principais, o Centro de Arte, com uma área de exposição permanente e pequenas exposições temporárias, espaço polivalente destinado a atividades complementares de apresentações e pequenos espetáculos, para além de serviços complementares e ateliers de apoio à criatividade, com espaços de trabalho destinados a jovens criadores de diversas áreas que pretendam desenvolver projetos com carácter temporário, com acesso a uma zona de restaurante/cafetaria; e Laboratórios Criativos (gabinetes de

apoio empresarial) que visam o acolhimento e a instalação de atividades relacionadas com indústrias criativas.

Ao interpretarmos o programa, apercebemo-nos da possibilidade de cada um dos componentes do equipamento poder funcionar autonomamente e simultaneamente, criando acessos entre os vários serviços e áreas de apoio, assim como ao espaço exterior da praça e do jardim.

Nesta intervenção procurou-se reabilitar o edifício existente a Este, mantendo a materialidade e as texturas, mas refazendo todo o interior. No edifício a Norte, a fachada principal foi renovada, sendo que o seu interior e a fachada virada para a praça foram demolidas e totalmente redesenhadas. Apesar de manter a escala e as relações formais existentes anteriormente, esta nova solução veio promover e fortalecer a relação com a praça.

Este projecto acaba por assumir uma grande importância no que diz respeito ao sistema de fachada que o arquitecto projectou. O revestimento aqui utilizado, os perfis de cobre, e a utilização de iluminação ao nível da fachada, vêm criar uma ambiência muito convidativa e simpática para a cidade de Guimarães

Fig. 11 Praça Edifício Norte Plataforma das Artes e Criatividade de Guimarães



Fonte: José Campos, 2012

http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2012/09/5063750128ba0d07fd0001df_international-centre-for-the-arts-jose-de-guimar-es-pitagoras-arquitectos_jose_campos-190.jpg

Caso 3. Escola Secundária Virgílio Ferreira

A atual Escola Secundária Virgílio Ferreira, situada em Lisboa, na zona de Carnide, resulta de uma intervenção do Atelier Central. O projecto foi desenvolvido no âmbito do programa Parque Escolar entre 2008 e 2010.

O programa de Modernização do Parque Escolar tinha como principais objectivos a recuperação de vários edifícios e estabelecimentos do Ensino Secundário, modernizando e melhorando as condições que estes tinham para oferecer a quem os frequenta, adequando assim os espaços letivos às exigências que o ensino de hoje nos coloca. Estas intervenções, juntamente com a eficaz gestão dos espaços e das instalações viriam então fomentar uma nova vivência dos estabelecimentos de Ensino, em que as escolas passam a ser espaços de permanência para os alunos, durante e fora do horário lectivo, criando espaços funcionais que transmitem segurança, podendo ser usados de forma contínua, estando ainda capacitados para receber eventos de diferente carácter, como culturais, desportivos e de lazer.

No que diz respeito à Escola Secundária Virgílio Ferreira, a intervenção centrou-se na reabilitação e reorganização dos edifícios existentes, introduzindo um novo edifício que veio a receber os serviços administrativos e fazer a ligação entre um espaço mais polivalente e a Biblioteca com uma zona mais privada dedicada aos docentes e para receber os pais e encarregados de educação.

Fig. 12 Escola Sec. Virgílio Ferreira



Fonte: João Morgado, 2011

http://www.joaomorgado.com/image/src=/uploads/projects/joaomorgado_es_vergilio_ferreira_0041.jpg&w=600&h=400&zc=2

Para além deste novo edifício de carácter mais restrito, foram também criados dois novos espaços com características diferentes. Um primeiro espaço surgiu da extensão de um edifício existente e que passou a ser dedicado às artes e às ciências experimentais. O outro espaço, também ele de enorme importância no desenvolvimento dos alunos enquanto seres sociais e com uma actividade física activa, são as instalações desportivas e os seus espaços de apoio, que foram também alvo de remodelação.

Para além destas transformações que se verificaram ao nível do edificado, o projecto vê-se marcado por leves elementos de estrutura metálica revestidos por perfis de alumínio dourados que vêm fazer a ligação entre os vários edifícios e responder às exigências de acessibilidades, gerando uma forte relação entre os espaços interiores e exteriores.

Este projecto veio permitir perceber as relações de funcionalidade que se criam entre os diferentes espaços da escola, e que de certa forma se tornam essenciais para o bom funcionamento de um edifício destinado ao ensino e à formação.

Os três casos de estudo aqui presentes, todos eles contextualizados em território nacional, apresentam-se como fortes exemplos da arquitectura contemporânea, permitindo-nos refletir sobre o impacto que uma proposta arquitectónica pode imprimir num determinado lugar, transfigurando e transformando-o num outro lugar com características singulares e capazes de receber vida, ou seja, de receber cidade. É esta a ideia que pretendemos transpor para o novo equipamento que é proposto para o Casalinho da Ajuda.

O primeiro exemplo, referente ao Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco, surge-nos com uma presença arquitectónica de grande impacto na paisagem da cidade, e a forma como este convive com os equipamentos já existentes e a relação que se estabelece com a Praça permite-nos concluir que é possível chegar-se a um espaço público harmonioso entre arquitecturas com linguagens tão distintas.

Também a nível estrutural este exemplo assume um papel importante neste trabalho, visto a imponência dos elementos estruturais e o brutalismo formal do edifício se adequarem às exigências que surgiram no desenvolvimento da proposta projectual esboçada para a área de intervenção deste Trabalho Final de Mestrado

A nível programático, e já criando alguma semelhança com o segundo exemplo em estudo, a Plataforma das Artes e Criatividade para a Capital Europeia da Cultura, em Guimarães, podemos verificar a forte distinção entre cada um dos espaços criados e a sua utilização, sendo possível que os mesmos existam em simultâneo e como complemento uns dos outros, mas mantendo sempre uma autonomia máxima que permita que sejam usados como um só e, em algumas situações, assumindo diferentes possibilidades de uso, de acordo com as necessidades dos seus utilizadores e de acordo com a temporalidade em que se inserem (dia/noite, verão/inverno).

No caso particular da Plataforma das Artes, é importante perceber a relação que se estabelece entre os diferentes espaços, o Centro de Arte, os ateliers e as oficinas de trabalho, e a interdependência entre eles, o que nos influenciou a criar um único espaço, todo ele direccionado para um único fim.

Com a introdução do exemplo da Escola Secundária Virgílio Ferreiro conseguimos então criar uma ponte de ligação entre a arte e a cultura com o ensino, tentando perceber qual a importância da organização e da relação dos espaços no ensino das crianças. Torna-se importante perceber estas relações de complementaridade para melhor responder às exigências que são criadas na proposta projectual que aqui apresentamos.

Os três exemplos apresentam uma semelhança ao nível do enquadramento na cidade e ao nível do espaço público e espaços de transição por eles criados, espaços estes considerados como espaços de encontro, sendo de realçar no primeiro exemplo a relação que se estabelece com a Praça Largo da Devesa, na Plataforma das Artes é de salientar a relação com o mercado municipal, e no

caso da Escola Secundária, os espaços que se criam para a convivência dos alunos.

Capítulo V. Proposta de intervenção projetual

O Equipamento colectivo - razões de uma escolha

A escolha da implantação de um equipamento colectivo prende-se essencialmente com as necessidades manifestadas por alguns residentes no Casalinho da Ajuda, para tal cruzamos os dados dos Censos, a informação proveniente da observação direta do quotidiano do bairro e os das conversas informais com os moradores. A ausência de um equipamento de apoio a esta população transforma-se assim no ponto de partida para uma proposta arquitectónica arrojada e com um programa multifacetado.

O equipamento será implantado numa zona adjacente ao Bairro do Casalinho da Ajuda, um terreno com um desnível algo acentuado, com uma pequena percentagem de área construída, e para o qual estava previsto a implantação de uma nova via automóvel, a via da meia encosta.

Objectivos da Proposta de Intervenção

O facto de nos encontrarmos numa zona muito marcada pela presença dos diferentes bairros sociais e pela proximidade às instituições universitárias e diversos pontos de interesse cultural, como o Palácio da Ajuda e a zona de Belém traz para a zona da Ajuda pessoas muito diferentes entre si. Esta proposta arquitectónica surge com o objectivo de facilitar a convivência entre as mesmas. Pretende-se com este tipo de equipamento criar momentos de encontro para estes indivíduos, que se podem cruzar para assistir a um pequeno concerto musical ou a um espectáculo de dança, ou simplesmente tomar um café no conforto e contemplação deste novo espaço público pensado para todos.

Torna-se também importante dotar a proposta arquitectónica de um carácter multifuncional que permita que o seu uso se prolongue ao longo do dia, sendo que para isso se torna fundamental que para além da diversidade de usos e funções, a proposta seja também ela intemporal, atingindo um público com idades diferentes.

Fig. 13 – Imagem ilustrativa, Entrada principal do Edifício



Fonte: Imagem de Autor, 2014

Programa Base

De modo a garantir que todos os objectivos referidos anteriormente sejam contemplados e assim dar resposta às diferentes necessidades da população, facilitando o acesso dos residentes a eventos e a atos culturais e em face da ausência de equipamentos com valências semelhantes, o equipamento que aqui se propõe, incorpora um Auditório amplo e multifuncional, capaz de receber diferentes atividades, desde conferências, espetáculos de música, dança, teatro, assim como uma zona expositiva de arte contemporânea e outras manifestações artísticas.

Esta zona expositiva, que serve de entrada e de átrio de receção ao público, vem também fazer a ligação temática e física com o corpo do edifício que vem albergar um centro de formação para diferentes áreas artísticas, com oficinas e ateliers especializados, assim como um espaço lúdico onde os mais jovens poderão realizar diferentes actividades de apoio à sua formação e apoio ao estudo.

Ao incluir no programa base do edifício uma zona dedicada a workshops e à educação e formação de públicos para as manifestações artísticas pretende-se criar as condições necessárias para uma maior integração e um maior envolvimento da população em eventos e iniciativas que se possam vir a ocorrer no local. Estas iniciativas irão assumir um papel importante na redinamização cultural e sócio económica no bairro, criando assim novos postos de trabalho

Fig. 14 Diagrama de usos



A proposta arquitectónica para o equipamento desenvolve-se então em 5 níveis diferentes, tentando assim dar resposta ao programa com 3 valências distintas: o Auditório, as zonas expositivas e o centro de formação.

A entrada principal, virada para a Via da Meia Encosta, pretende assumir-se como uma entrada imponente e bastante acentuada. Esta é marcada por uma rampa exterior que nos leva para a cota de entrada (65.05m), onde podemos encontrar um pátio exterior com características muito peculiares criadas pela estrutura formal do próprio edifício.

A rampa traça um percurso de ligação ao interior do edifício e tem depois continuidade no seu interior, com uma rampa expositiva e que irá fazer a ligação ao auditório, cuja entrada principal se faz a uma cota mais alta (70.95m). Com a introdução desta rampa, e de outras ao longo do edifício, assim como sistemas de elevador, vêm garantir a acessibilidade ao edifício por parte de pessoas com mobilidade reduzida.

Fig. 15 Diagrama do percurso expositivo



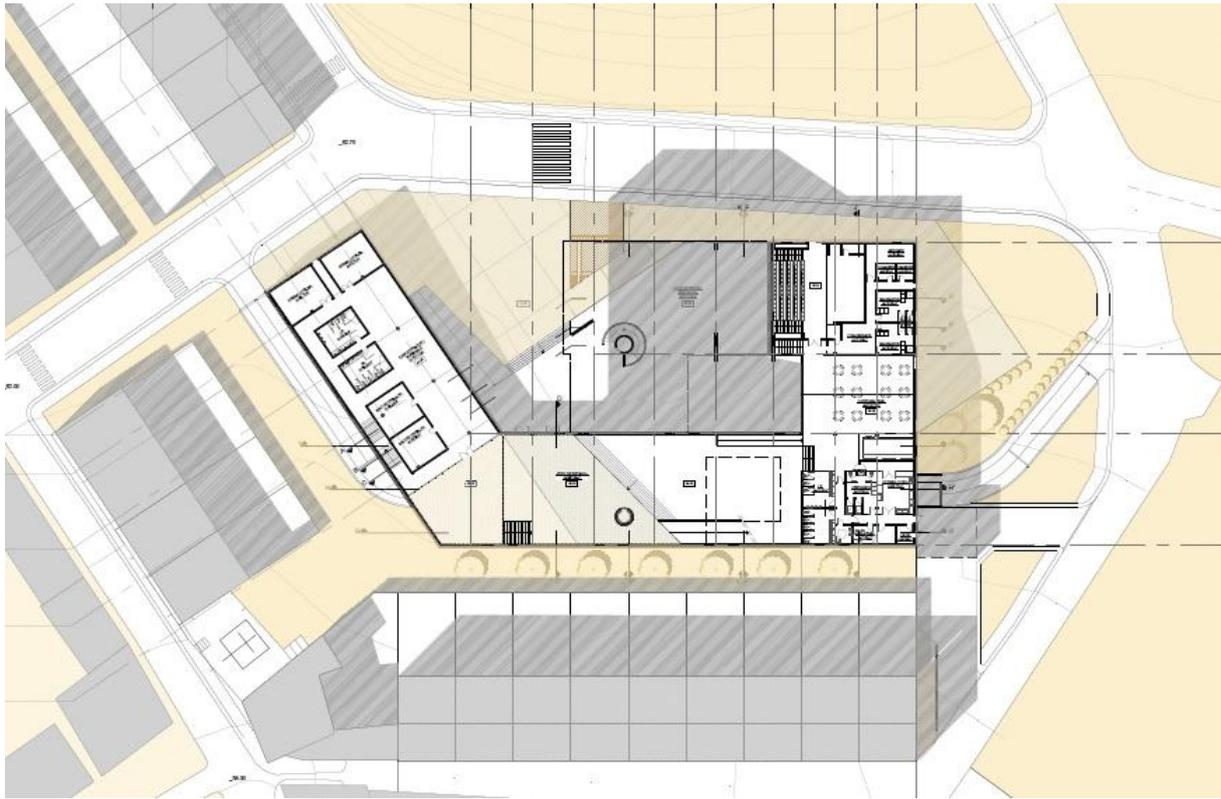
Fonte: Diagrama de Autor, 2014

Este percurso que se cria a partir da zona de entrada até ao auditório, passando pelo Foyer, apresenta-se como um trajeto que propicia uma experiência de forte contemplação do espaço interior do equipamento. Qualquer pessoa que venha ao espaço do auditório terá que percorrer este percurso. É por este motivo que a zona do Foyer do Auditório assume um papel importante no desenvolvimento da proposta arquitectónica.

Este espaço de antecipação e de paragem ganha uma nova vida com a inclusão de uma segunda zona expositiva, uma zona de contemplação e de partilha de pequenas exposições que ali possam acontecer, que muitas das vezes podem mesmo chegar a estar ligadas ao espectáculo ou ao evento que irá decorrer no espaço do auditório, ou até mesmo receber alguns dos trabalhos desenvolvidos nos diferentes Workshops e ateliers de formação.

O núcleo principal de entrada é usado ainda para fazer a ligação à zona do Centro de Formação e Workshops, assim como à zona da cafetaria.

Fig. 16 Planta Cota 65.05, escala 1/200



Fonte: Desenho de Autor, 2014

A zona de formação e de apoio ao estudo desenvolve-se ao longo de 2 cotas distintas. O primeiro piso desenvolve-se à cota 62,95, onde podemos encontrar os espaços de trabalho, com salas e oficinas próprias para o desenvolvimento de trabalhos como fotografia, pintura e escultura, assim como uma zona expositiva e de passerelle onde os alunos poderão expor os seus trabalhos e até mesmo fazer pequenos desfiles de moda.

No segundo piso, à cota 66,62, desenvolve-se uma zona mais privada e de maior concentração, com duas salas de estudo, para um estudo e acompanhamento mais focado, e também uma zona mais ampla, uma zona lúdica com uma pequena biblioteca para os mais novos e com espaços de leitura, visionamento de vídeos e filmes, acesso livre à internet. Este piso é então dedicado ao apoio para os mais jovens e que poderão sentir alguma falta de apoio ao estudo e formação em horário extra curricular.

O acesso à zona da Cafeteria e do Bar pode ser feito por duas zonas distintas, pelo interior do edifício, através da zona de entrada, ou directamente pelo pátio exterior, criando uma zona de esplanada de apoio à cafeteria. O objectivo de manter a acessibilidade à cafeteria por duas zonas distintas passa por garantir a autonomia da mesma, permitindo assim que seja gerida por entidades exteriores ao equipamento, o que vem garantir uma maior vivência ao edifício, permitindo que o mesmo possa funcionar durante o período da noite, quando as restantes funções do edifício estejam desactivadas.

No que diz respeito ao Auditório, a sua entrada principal é feita à cota 70,95 e tem a capacidade para 198 pessoas e está preparado para receber diferentes eventos, de dança, música, teatro, festas comunitárias e também conferências.

Fig. 17 Corte Auditório, escala 1/200

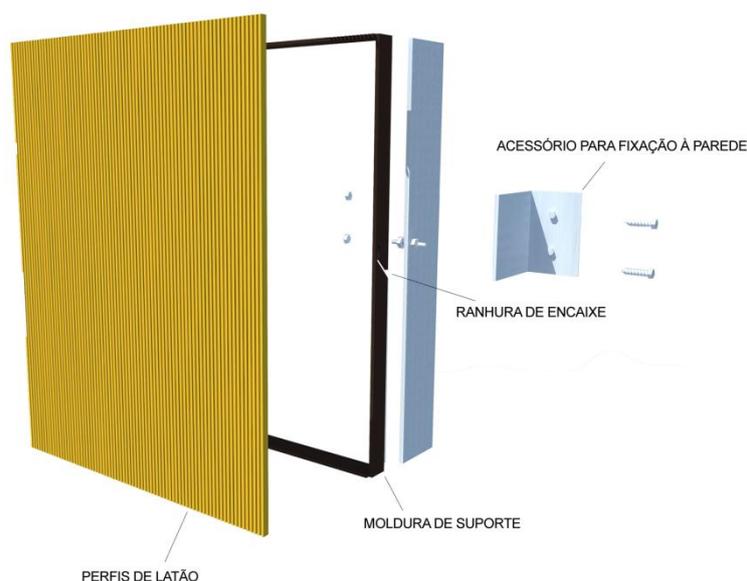


Fonte: Desenho de Autor, 2014

O auditório tem um desnível bastante acentuado, o que reflecte o conceito pretendido para a volumetria do edifício e a sua fachada principal, sendo que a zona de palco está instalada à cota 65,05, a mesma cota da cafetaria e das zonas de apoio ao auditório, permitindo assim a existência de várias saídas de emergência, e garantindo as condições de segurança exigidas para um edifício com estas características.

Revestido com painéis acústicos com ripas de madeira, consegue-se trazer para o interior do auditório algum do ritmo existente ao nível das fachadas exteriores do edifício.

Fig. 18 Esquema de montagem dos painéis da fachada



Fonte: Diagrama de autor, 2014

Na zona de apoio ao auditório podemos encontrar algumas valências que trazem benefícios ao edifício e que permitem que este receba eventos de grande envergadura, como a existência de balneários, camarins, zona de arrumos e

50

ainda uma pequena zona de transição com características para ser utilizada como uma zona de ensaios que poderá ser utilizada pelos artistas para ensaios de última hora e/ou aquecimento.

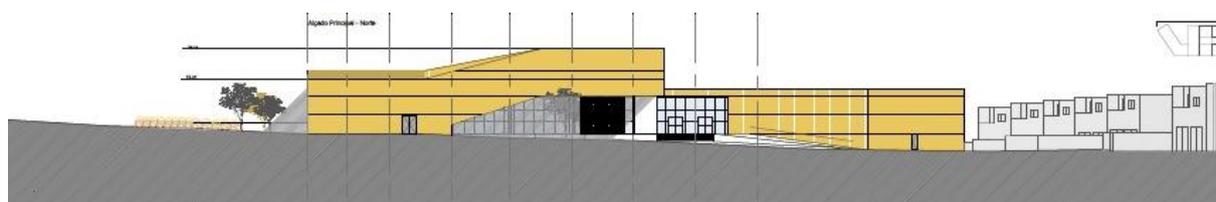
Paralelamente ao auditório, e tirando proveito da inclinação do mesmo, é criada uma escadaria que liga a zona da cafeteria à zona de entrada para o auditório. Esta escadaria pode assumir dois papéis distintos, em que numa primeira fase serve apenas como um elo de ligação entre estes dois espaços, criando mais uma forma de acesso ao auditório. Por sua vez, e pelo facto de se encontrar revestida por painéis de vidro, permite criar um espaço de visualização e de contacto para a zona de esplanada e de convívio da cafeteria.

No que diz respeito à iluminação do edifício, a iluminação natural é feita maioritariamente pelos grandes vãos envidraçados que existem nas diferentes fachadas do edifício, na zona de entrada, cafeteria, na escadaria paralela ao auditório e através da grande varanda na zona expositiva.

O maior desafio a nível projectual nesta proposta arquitectónica passa pela definição estrutural e formal do mesmo. Sendo que uma das ideias de partida para a forma do edifício passa pela ideia de leveza e capacidade de moldar o edifício, fazendo-o enrolar sobre si mesmo, acabamos por criar situações de grandes vãos em consola e que têm que ser resolvidos com uma estrutura metálica resistente que permita suportar vãos tão grandes.

Ao nível das fachadas, o edifício encontra-se revestido por painéis metálicos fixos às paredes, os quais servem para fixar uns tubos de latão que irão conferir ao edifício um tom dourado e acastanhado.

Fig. 19 Alçado Principal, escala 1/200



Fonte: Desenho de Autor

Face à grande envergadura e importância que o edifício vem assumir enquanto equipamento colectivo de apoio à população residente e não residente, um aspecto importante passa pela sua acessibilidade e possibilidade de estacionamento. A deficiência de espaços de estacionamento na proximidade do edifício levou à inclusão de um estacionamento subterrâneo, com capacidade para 86 veículos e ainda alguns lugares específicos para velocípedes.

Peças Desenhadas

- P01 – Enquadramento Urbano
- P02 – Proposta Urbana
- P03 – Proposta Arquitectónica
- P04 – Planta de Implantação, escala 1/1000
- P05 – Planta de Estacionamento, cota 59.95, escala 1/200
- P06 – Planta Piso de Entrada, cota 65.06, escala 1/200
- P07 – Planta cota 66.45, escala 1/200
- P08 – Planta do Auditório, cota 70.95, escala 1/200
- P09 – Planta de Cobertura, cota 74.85, escala 1/200
- P10 – Alçado e Cortes, fachada Principal, escala 1/200
- P11 – Alçado e Cortes, fachada lateral direita, escala 1/200
- P12 – Alçado e Cortes, fachada posterior, escala 1/200
- P13 – Alçado e Cortes, fachada lateral esquerda, escala 1/200
- P14 – Planta Auditório, escala 1/50
- P15 – Corte Longitudinal, escala 1/50
- P16 - Cortes transversais, escala 1/50
- P17 – Corte de Fachada, escala 1/20
- P18 – Detalhes construtivos, escala 1/5
- P19 – Argumentação visual

Painéis Síntese

O principal objectivo deste trabalho passou por reflectir sobre o papel que a arquitectura pode assumir no relacionamento entre indivíduos de culturas e meios sociais distintos e até que ponto poderia ou não ultrapassar algumas das barreiras sociais que se colocam nestes casos.

Apesar de ser um temática já muitas vezes abordada em outras situações, este trabalho revestiu-se de uma certa complexidade, tendo que houve um cuidado especial aquando da análise e caracterização da zona de intervenção e da população residente, para decisões aqui tomadas fossem resultado de uma interpretação clara e objectiva.

Vários foram os desafios apresentados ao longo deste projecto. Dadas as condicionantes físicas da zona de intervenção, procurámos delinear soluções estratégicas que, de alguma forma, respondessem às fragilidades existentes e, complementarmente enquadrassem a temática do espaço público e do equipamento colectivo em todas as suas dimensões. A problemática dos equipamentos colectivos prede-se com a compreensão das necessidades e dos equipamentos a projectar. Torna-se importante referir que as opções que tomámos ao longo deste projecto não procuram apresentar-se como uma resposta universal para a resolução dos problemas da população.

O Casalinho da Ajuda é um bairro que apresenta diversas dificuldades ao nível social e económico. As características da sua população foram um dado imprescindível no desenrolar deste trabalho pois permitiram definir o tipo de equipamento mais adequado para tentar romper com a barreira social que se verificou com a população das áreas envolventes.

Assim, e neste contexto específico, tivemos como base para a escolha do tipo de equipamento a ser implantado e respectivo programa os conceitos de formação e cultura, criando então um espaço direccionado para a cultura e para as artes plásticas, com um auditório e espaços de trabalho e workshop para as diferentes áreas das artes plásticas.

Ao nível da formação achou-se por bem a criação de um espaço capaz de oferecer à população mais jovem e ainda a frequentar a escola com uma maior segurança e com condições específicas para estudar ou para a realização de diferentes trabalhos ou pequenos cursos relacionados com a sua área de estudo.

Ao nível da cultura, e criando diferentes zonas expositivas e com o auditório espera-se conseguir uma maior interação e envolvimento da população ao nível do bairro.

Relativamente à acessibilidade, o equipamento foi pensado para potencializar um novo ponto de encontro na cidade de Lisboa, contribuindo para a atractividade e dinamismo do espaço em que se insere.

A população adquire assim um papel indispensável no planeamento de equipamentos colectivos, por serem os potenciais utilizadores das

infraestruturas, sendo importante estudar as dinâmicas populacionais da área de estudo.

Numa reflexão final e, relativamente à problemática que orientou este projecto, queremos sublinhar que há ainda um longo percurso que terá que ser estudado e pensado continuamente, na procura de melhor responder às necessidades de vivência das populações. Há que incentivar o homem a voltar-se para o convívio e para uma vivência do quotidiano em conjunto com os outros, fomentando o sentimento de partilha entre a população, de modo a reflectir sobre o que é realmente imperativo e consistente, de modo a criar sistemas sustentados ao nível da satisfação das necessidades humanas fundamentais.

Bibliografia

Livros:

BORJA, Jordi – *El Espacio Público, Ciudad y Ciudadanía*. Barcelona, 2000.

COSTA LOBO, Manuel – *Normas Urbanísticas. Volume I Princípios e Conceitos Fundamentais*. Lisboa: DGOT UTL, 1995.

COSTA LOBO, Manuel – *Normas Urbanísticas. Volume II Desenho Urbano, Apreciação de Planos, Perímetros Urbanos*. Lisboa: DGOT UTL, 1998.

GEHL, Jan, - *La Humanización del ESPACIO URBANO, La vida social entre los edificios*, Editorial Reverté, S.A, Barcelona 2006

LEFEBVRE, Henri - *Espacio y Polític. El derecho a la ciudad,II*. Barcelona: Península, 1976. ISBN: 84-297-1182-1

LYNCH, Kevin - *A imagem da Cidade*. Trad. Maria Tavares Afonso. Lisboa: Ed. Edições 70, 1960. ISBN 972-44-0379-157

MENDES, Maria Manuela; SÁ Teresa; CRESPO, José Luis; FERREIRA, Carlos Henriques – *A Cidade entre Bairros*. Lisboa: Caleidoscópico, 2012. ISBN 978-989-658-163-3

REMY, Jean; VOYÉ, Liliane – *A Cidade: Rumo a uma nova definição*. Lisboa: Edições Afrontamento, 1997. ISBN: 978-972-360-331-6

Artigos:

Amaro, José Bento – Rio Seco. Um bocado de natureza perdido em Lisboa. *Público Local*, 2004

CACHADO, Rita d'Ávila – *Realojamento em zonas de fronteira urbana. O caso da Quinta da Vitória, Loures*. Forum Sociológico [Online], 21 (2011), actual. 5 Set. 2012. [Consult. 28 Fev 2013]. Disponível na internet: <URL: <http://sociológico.revues.org/425>

CASTRO, Alexandra – Espaços Públicos, Coexistência Social e Civilidade - Contributos para uma Reflexão sobre os Espaços Públicos Urbanos. *Cidades, Comunidades e Territórios*. ISSN: 2182-3030 nº5 (2002), pp.53-67

GUERRA, Isabel – Grupos sociais, formas de habitat e estrutura do modo de vida. *Sociedade de Território*. Nº 25/26 (1998), pp.118-128

PINTO, Teresa Costa – Near and far: A case of social mix in Lisbon. *CIDADES, Comunidades e Territórios*. ISSN: 2182-3030. 23 (2011), pp.60-81

SILVA, Teresa Madeira; ALVES, Pedro Marques; MAGALHÃES, Miguel Vasconcelos; OLIVEIRA, Maria João – Edifícios de Habitação Social: Diagnóstico e Cenários de Intervenção no Edificado. *CIDADES, Comunidades e Territórios*. ISSN: 2182-3030. 22 (2011), pp.82-98

Teses/ Dissertações:

DAUN Luisa Maria; TAQUENHO, Lorena de Mattos – *A Sustentabilidade dos Bairros Municipais. O equipamento público como veículo de integração dos bairros sociais na cidade*. Lisboa: FA-UTL, 2011. Tese de Mestrado.

Bibliografia on-line

Camara Municipal de Lisboa. *Lx-Europa 2020*.
[Consult. Novembro 2013]. Disponível em
<http://www.cm-lisboa.pt/municipio/camara-municipal/transparencia/lisboa-2020>

Conselho Europeu de Urbanistas (2003a). *A Nova Carta de Atenas 2003: A visão do Conselho Europeu de Urbanistas sobre as cidades do séc. XXI* [Em linha].
[Consult. 17 Abr. 2014]. Disponível em
http://paginas.fe.up.pt/construcao2004/c2004/docs/SAT_02_carta%20atenas.pdf

Gestão dos Bairros Municipais de Lisboa – GEBALIS
[Consult. Abril 2014].
<http://www.gebalis.pt/>

João Morgado – Architecture Photography
[Consult Maio 2014]
<http://www.joaomorgado.com/>

Mateo Arquitectura
[Consult Maio 2014]
<http://www.mateo-maparchitect.com/>

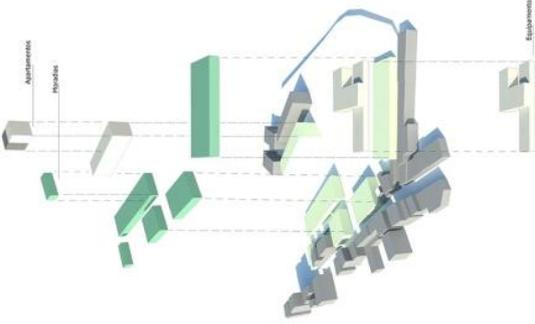
Parque Escolar
[Consult. Maio 2014].
<http://www.parque-escolar.pt/>

Pitágoras Arquitectos
[Consult Março 2014]
<http://www.pitagoras.pt>

Anexos

I – Painéis Semestre I

Fig. 22 Painel 3 – Planta piso térreo – Escala 1/500



Demolição
 Implantação: 3 700m²
 Área de construção: 7 000m²

Proposta
 Habitação: 8 140m²
 Equipamento: 2 000m²

Moradas:
 Implantação: 1 650m²
 Número de pisos: 2
 Área de construção: 2 000m²
 Área de implantação: 440m²
 Piso superior: 1ºm²
 1 lugar de estacionamento

Total: 27 Moradas
 4 500m²

Apartamentos:
 3 Edifícios
 4 Pisos
 Área de construção: 3 600m²
 Área de implantação: 3 600m²

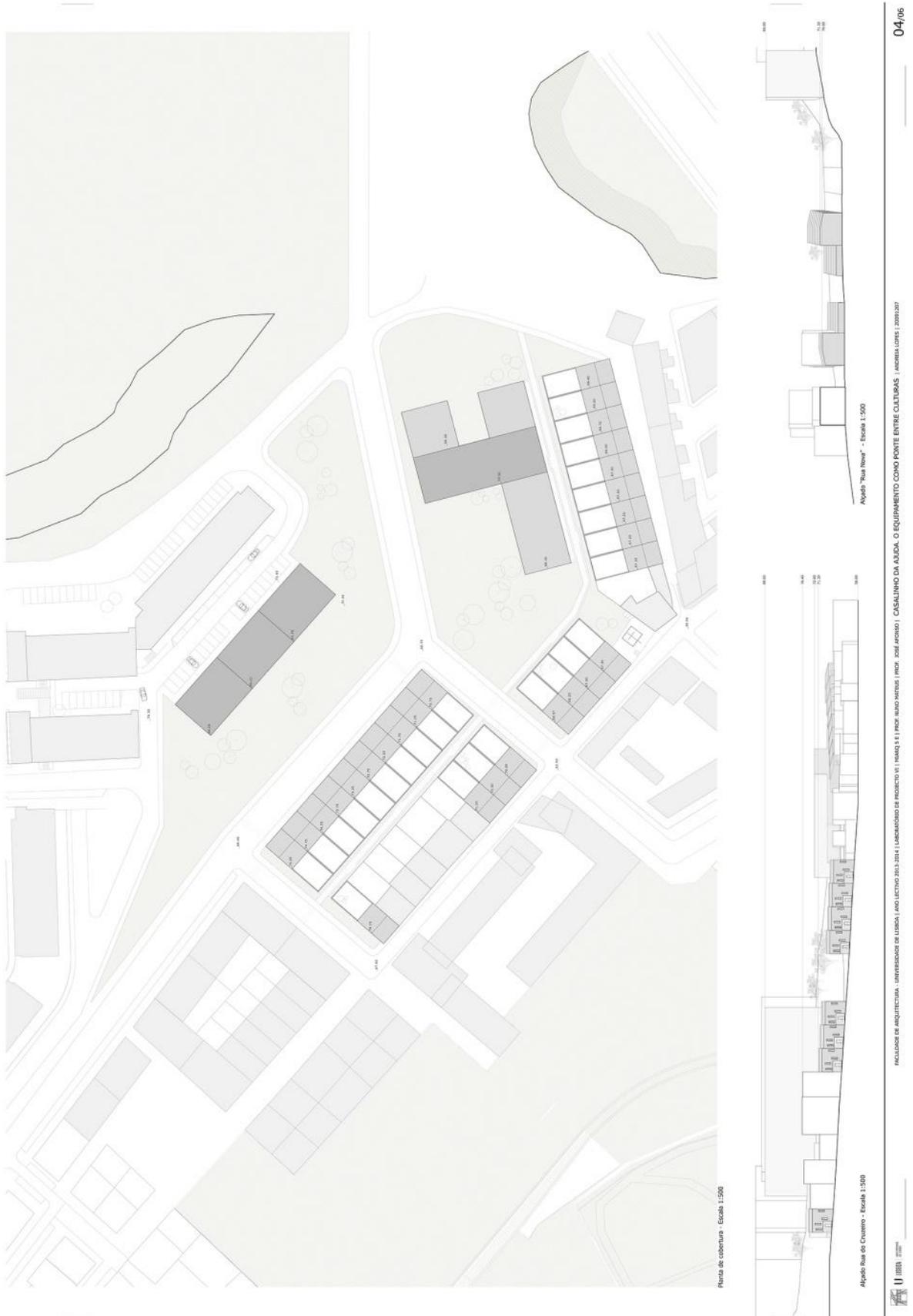
Equipamento:
 Implantação: 1 500m²
 Área de construção: 2 000m²

Corte transversal A-A' - Escala 1:500

03/06

INSTITUTO DE ARQUITECTURA - UNIVERSIDADE DE LISBOA - LADO LESTE DE LISBOA (LARGADILHO DE PROJETOS VI | HUAQ 1.1 | PROJ. ARQUIT. (PROF. JOSÉ ÁVILA) | CASALINHO DA ALZADA, O EQUIPAMENTO COMO PONTE ENTRE CULTURAS | INHÊRICA LOPES | 2003/20

Fig. 23 Paine 4 – Planta cobertura – Escala 1/500



04/06

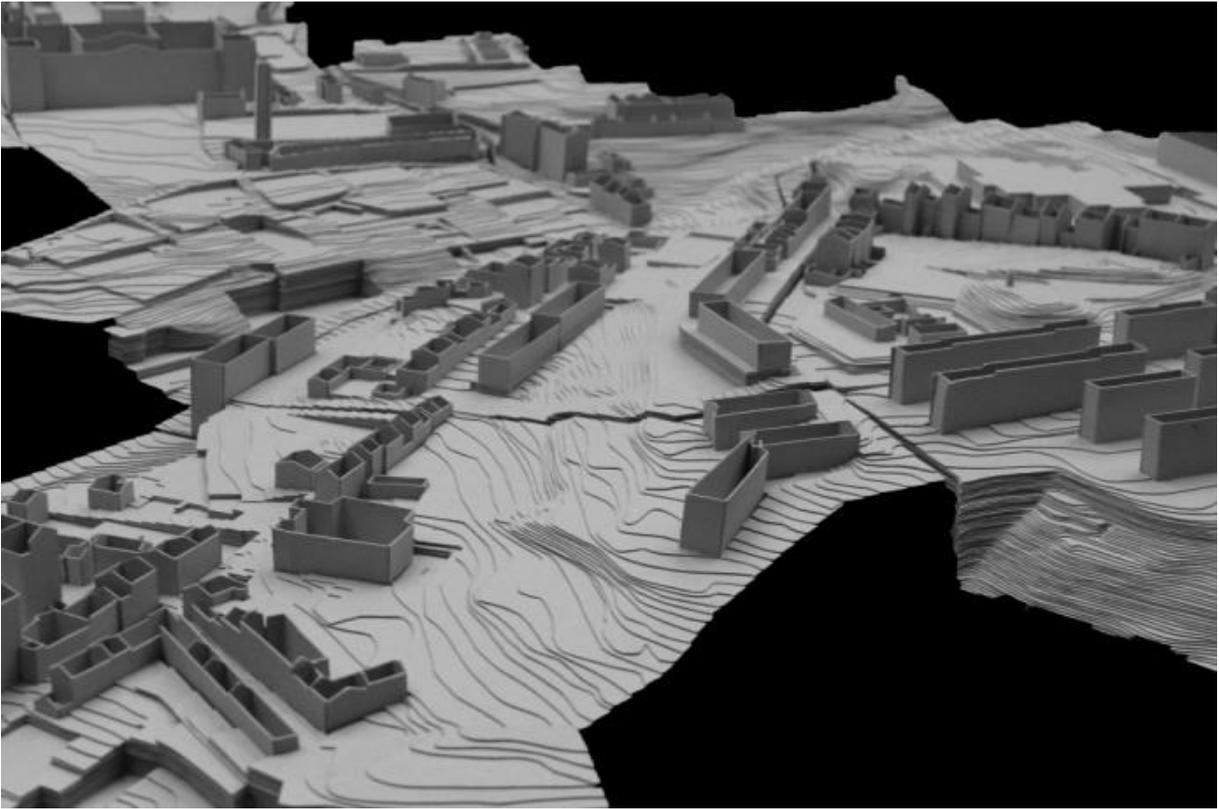
INSTITUTO DE ARQUITECTURA - INVESTIGADOR DE LUSIA - LUCAS LACTIVO 2013-2014 - LUCAS LACTIVO DE PROYECTO VI - TALLER 3 E 1 PROF. SANDOVAL - PROF. JOSÉ ANTONIO - CASALINO DA ALDA - O EQUIPAMENTO COMO PONTE ENTRE CULTURAS - ANDREA LOPES | 2009/2017

Fig. 25 Painei 6 – Corte Fachada – Escala 1/20



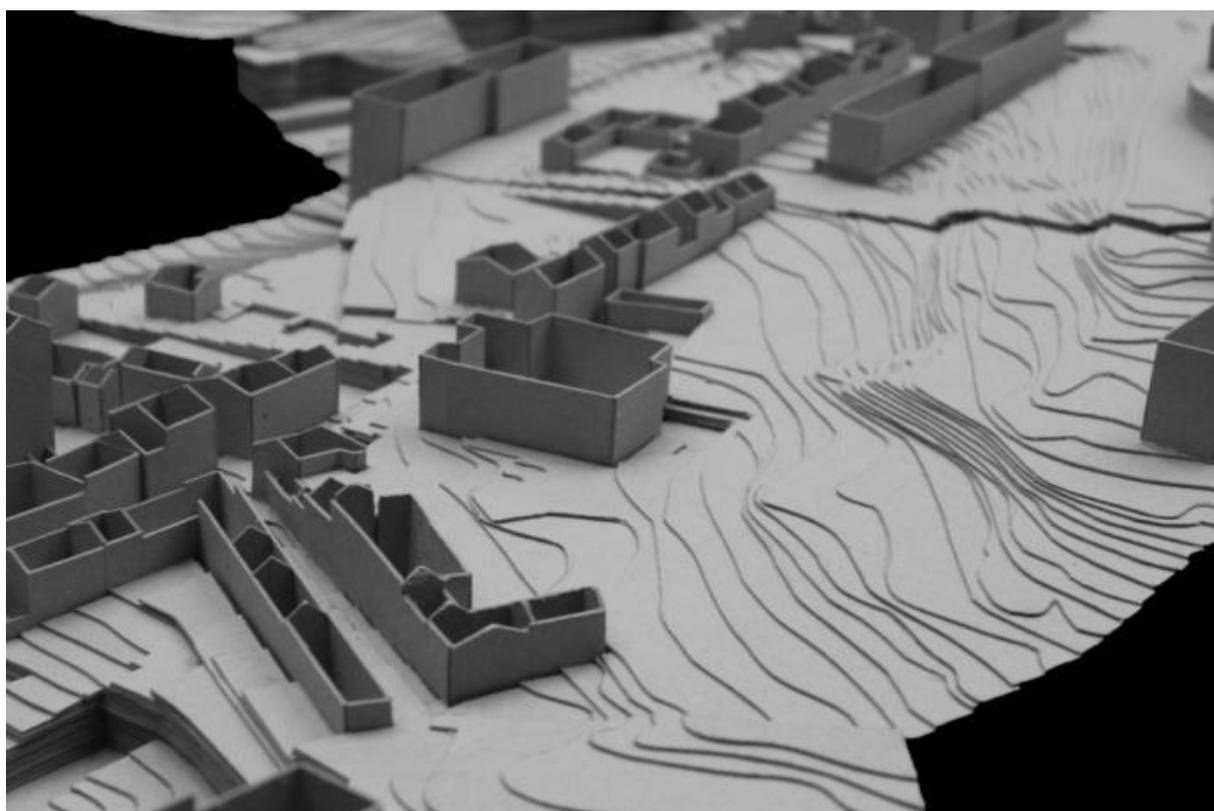
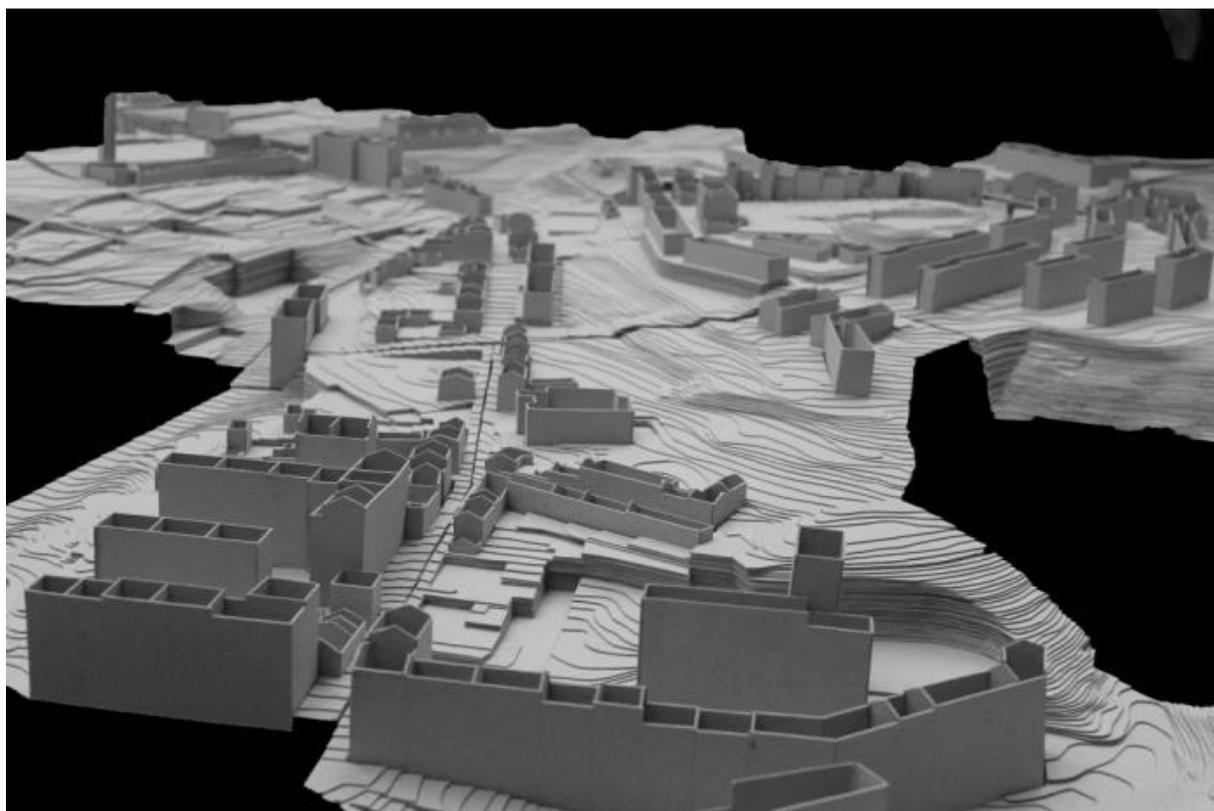
II – Maquetes

Fig. 27 Maquete Escala 1/500, Contexto na Cidade



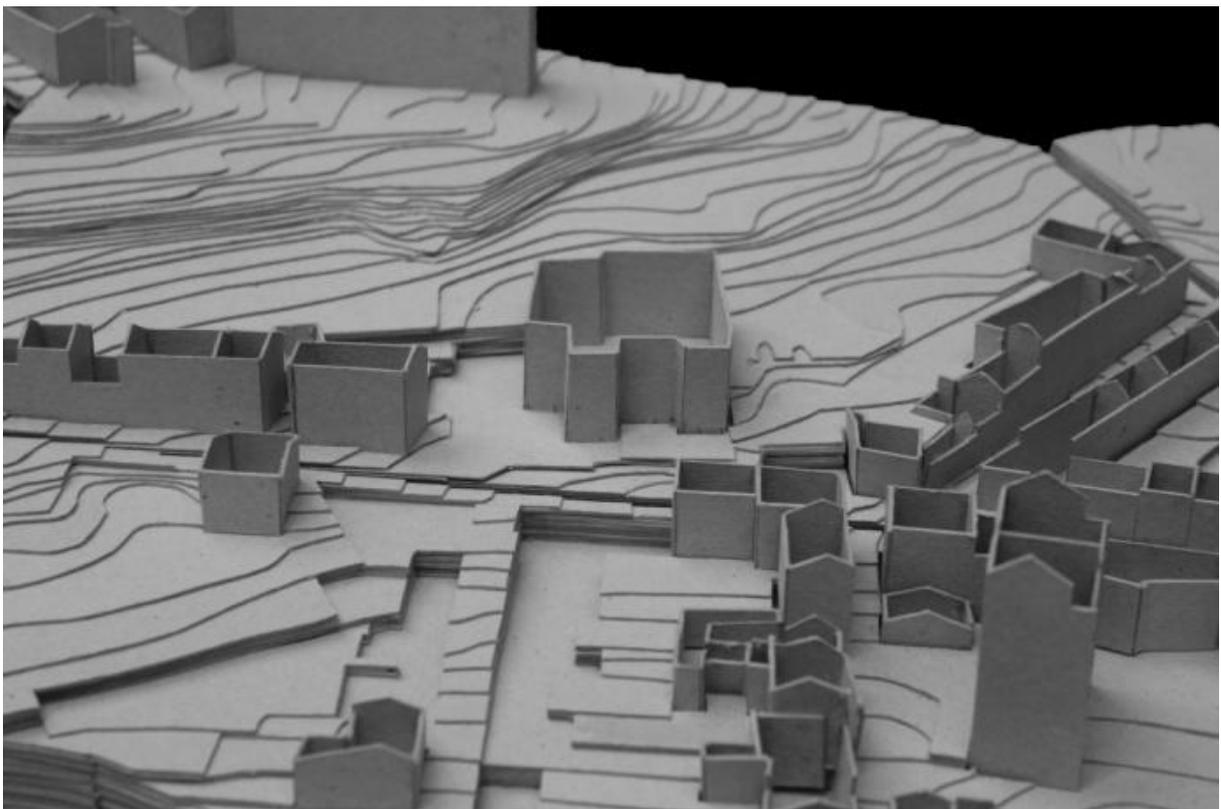
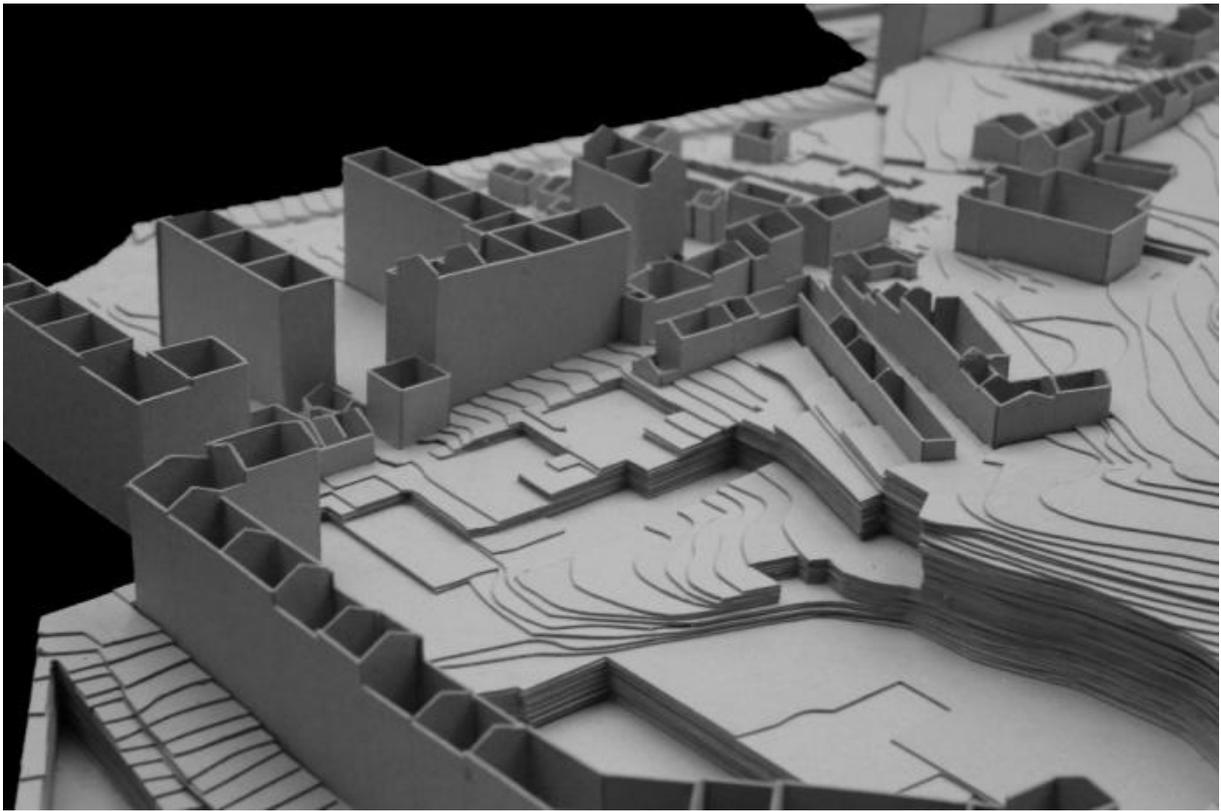
Fonte: Fotografias de Autor

Fig. 28 Maquete Escala 1/500, Contexto na Cidade (2)



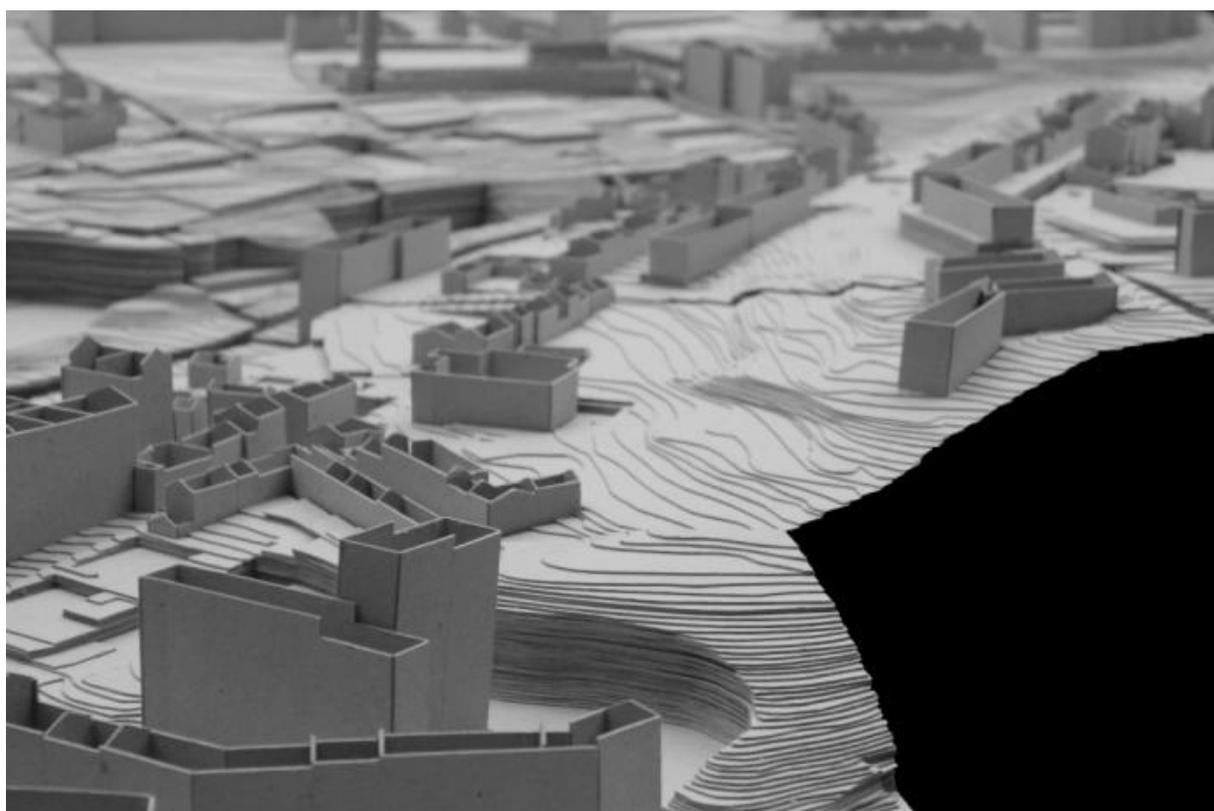
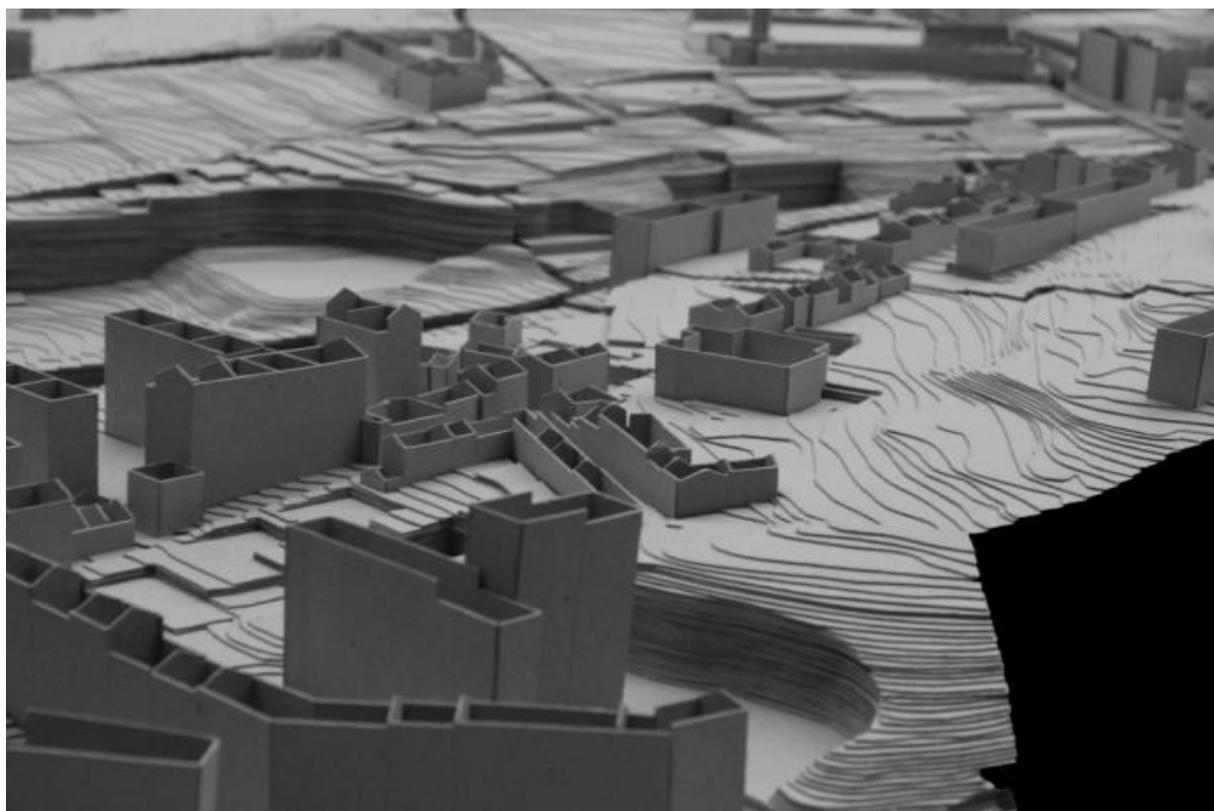
Fonte: Fotografias de Autor

Fig. 29 Maquete Escala 1/500, Contexto na Cidade (3)



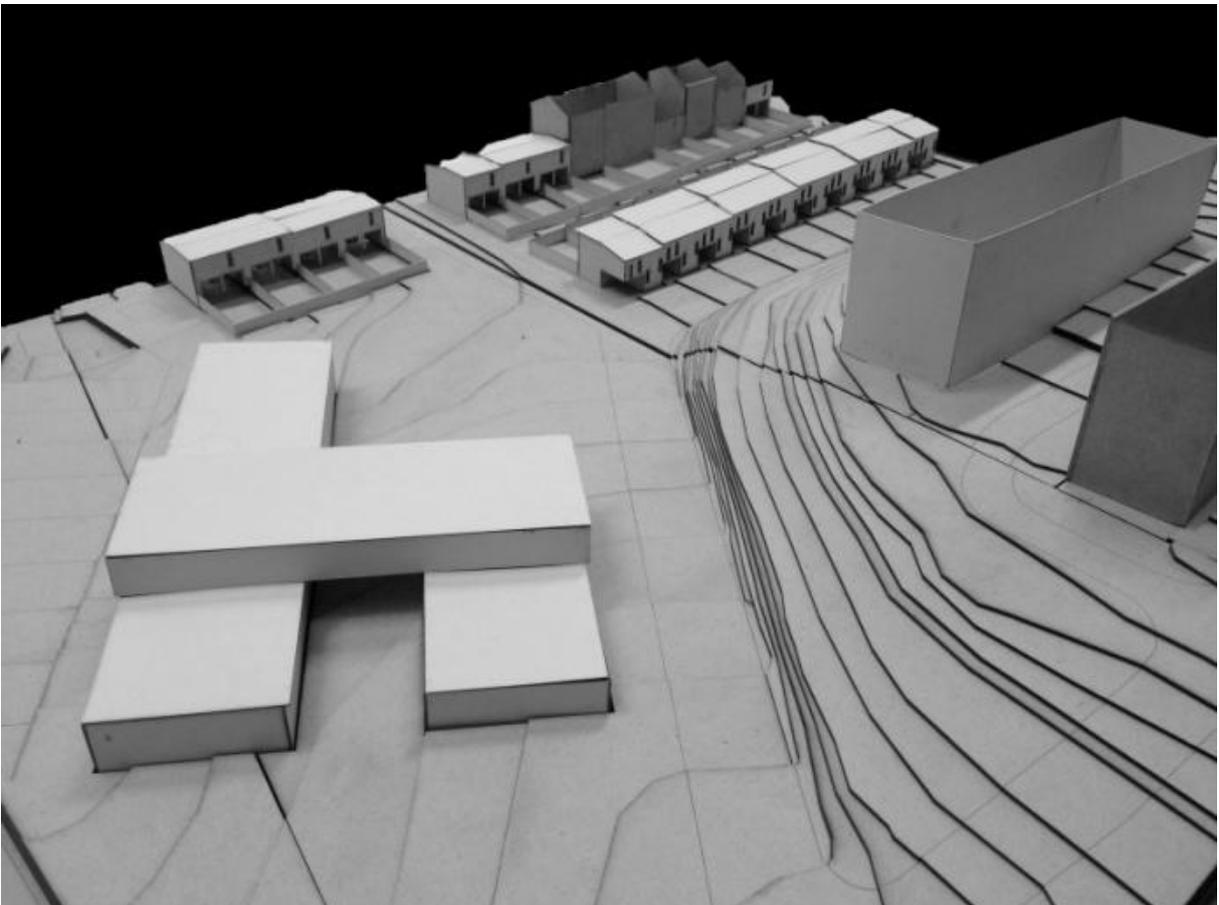
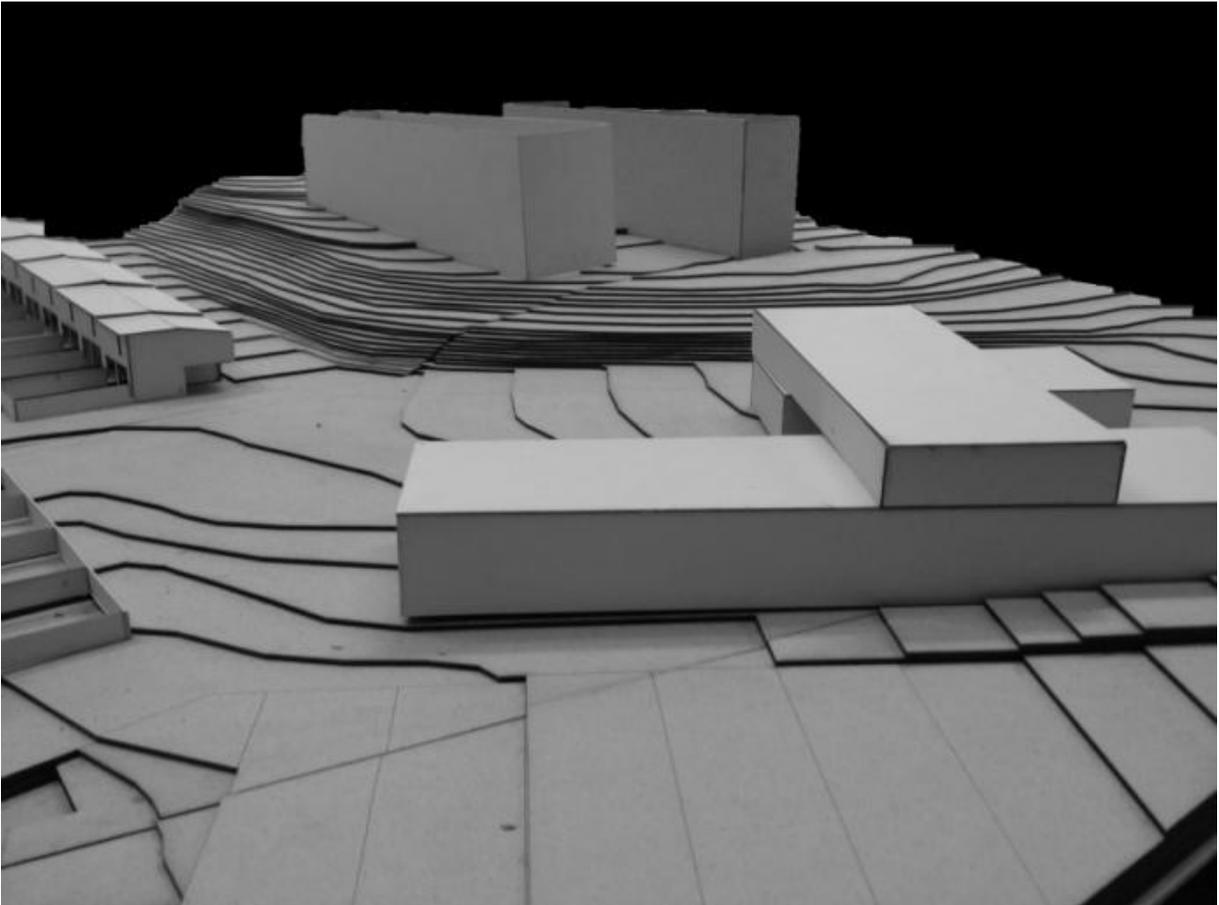
Fonte: Fotografias de Autor

Fig. 30 Maquete Escala 1/500, Contexto na Cidade (4)



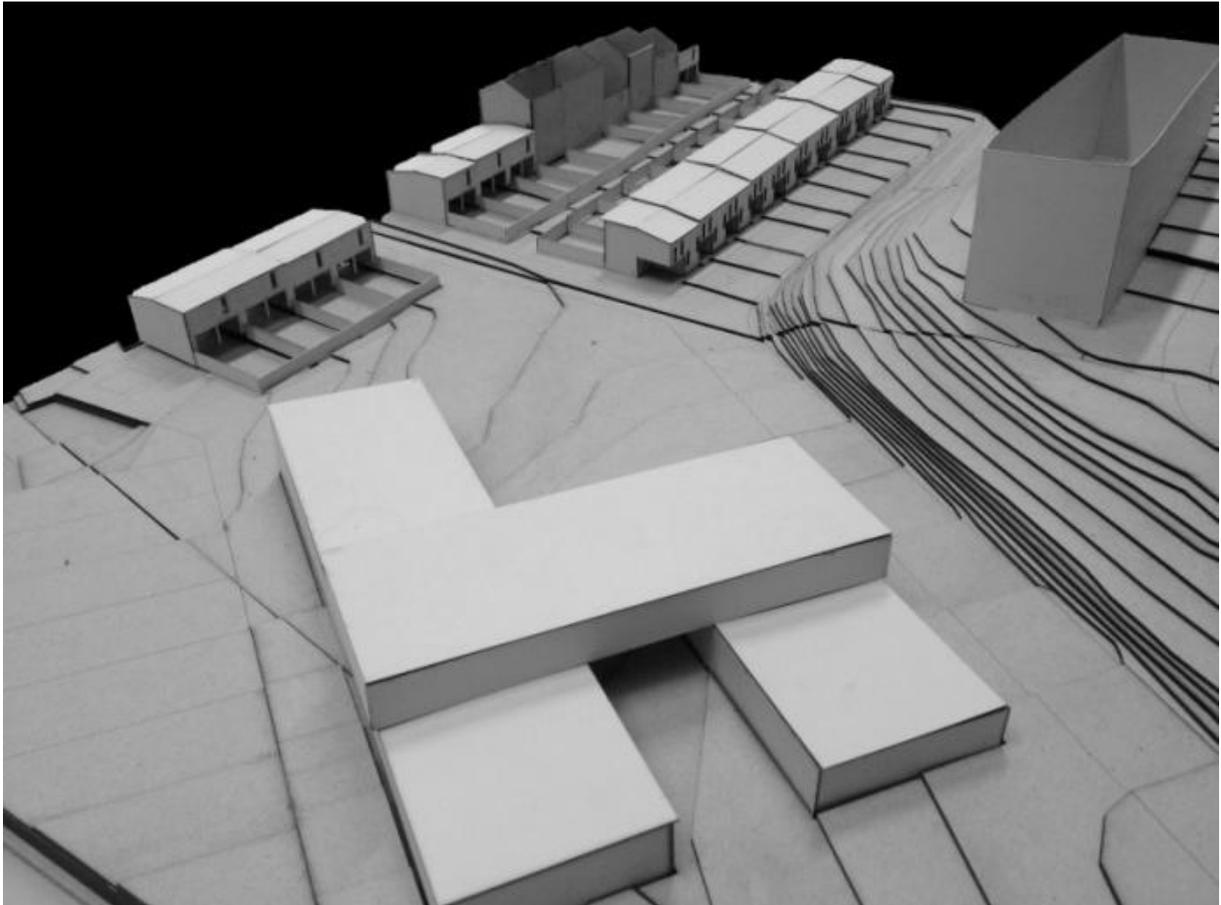
Fonte: Fotografias de Autor

Fig. 31 Maquete Proposta Urbana, Escala 1/200



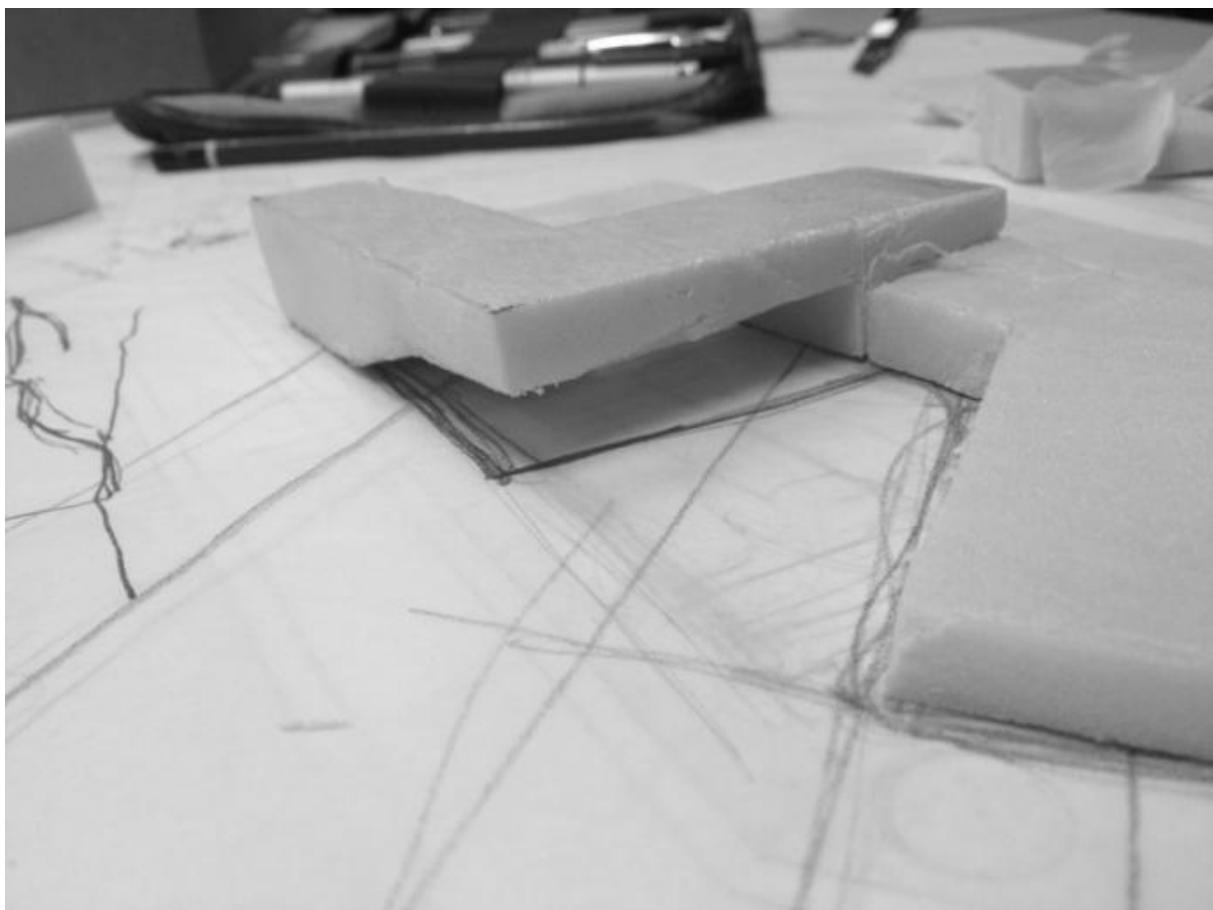
Fonte: Fotografias de Autor

Fig. 32 Maquete Proposta Urbana, Escala 1/200 (2)



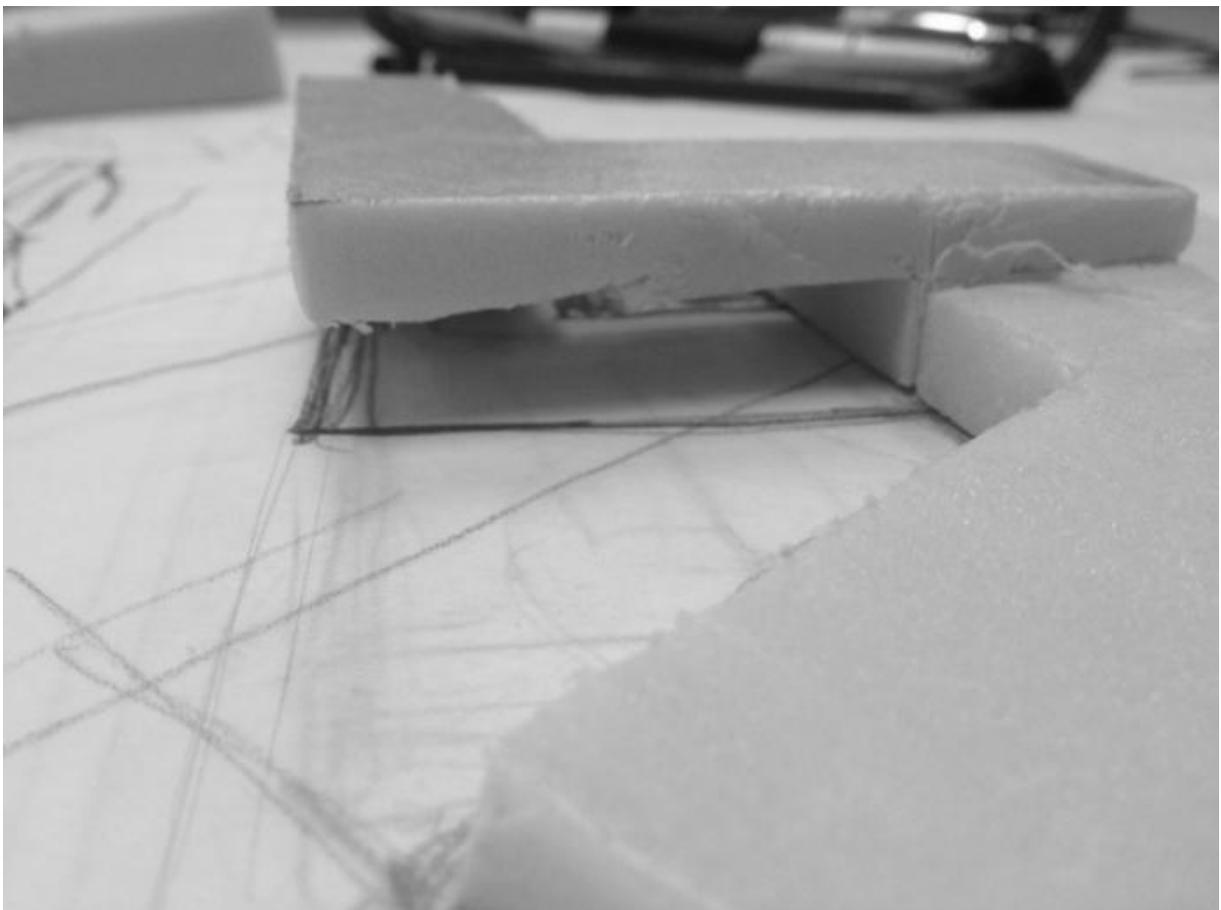
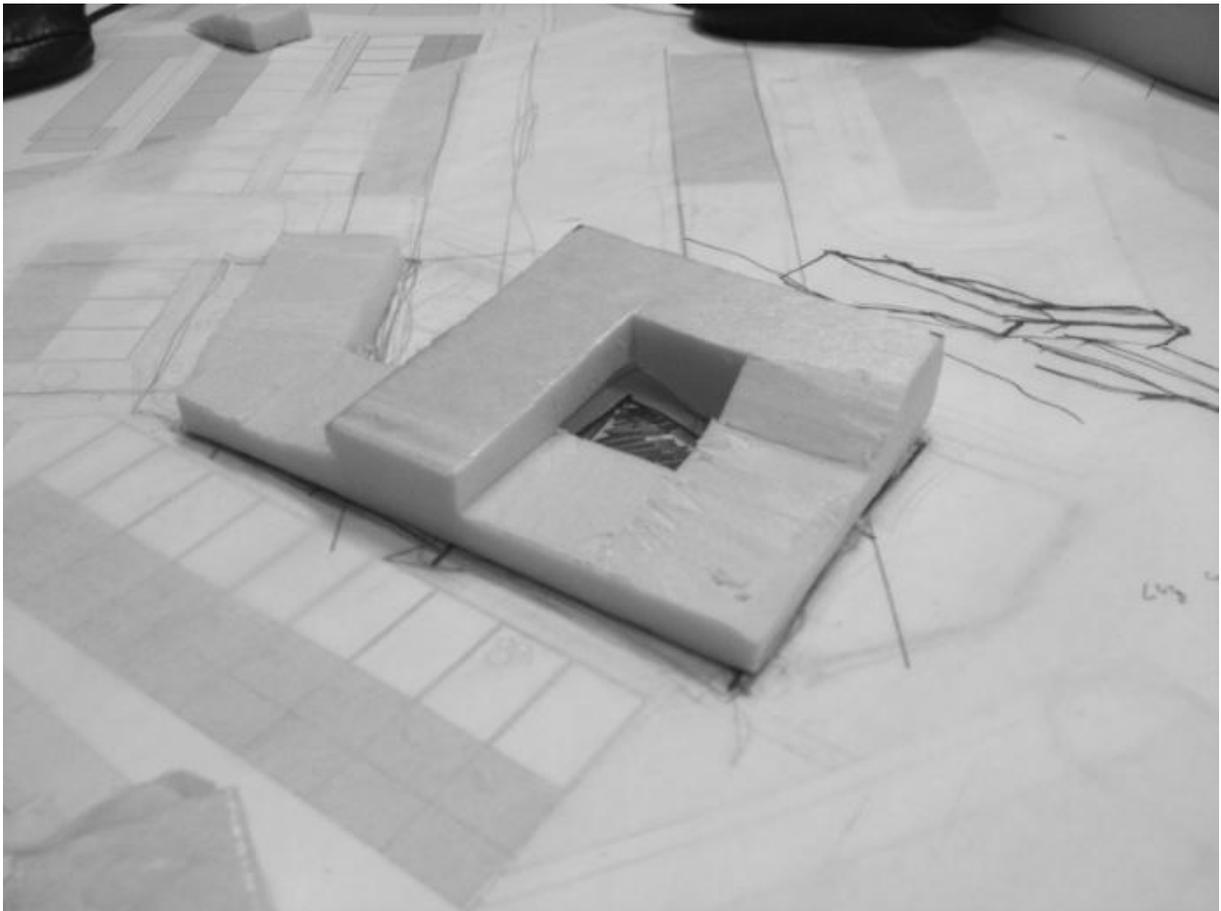
Fonte: Fotografias de Autor

Fig. 33 Maquete conceptual, Escala 1/200



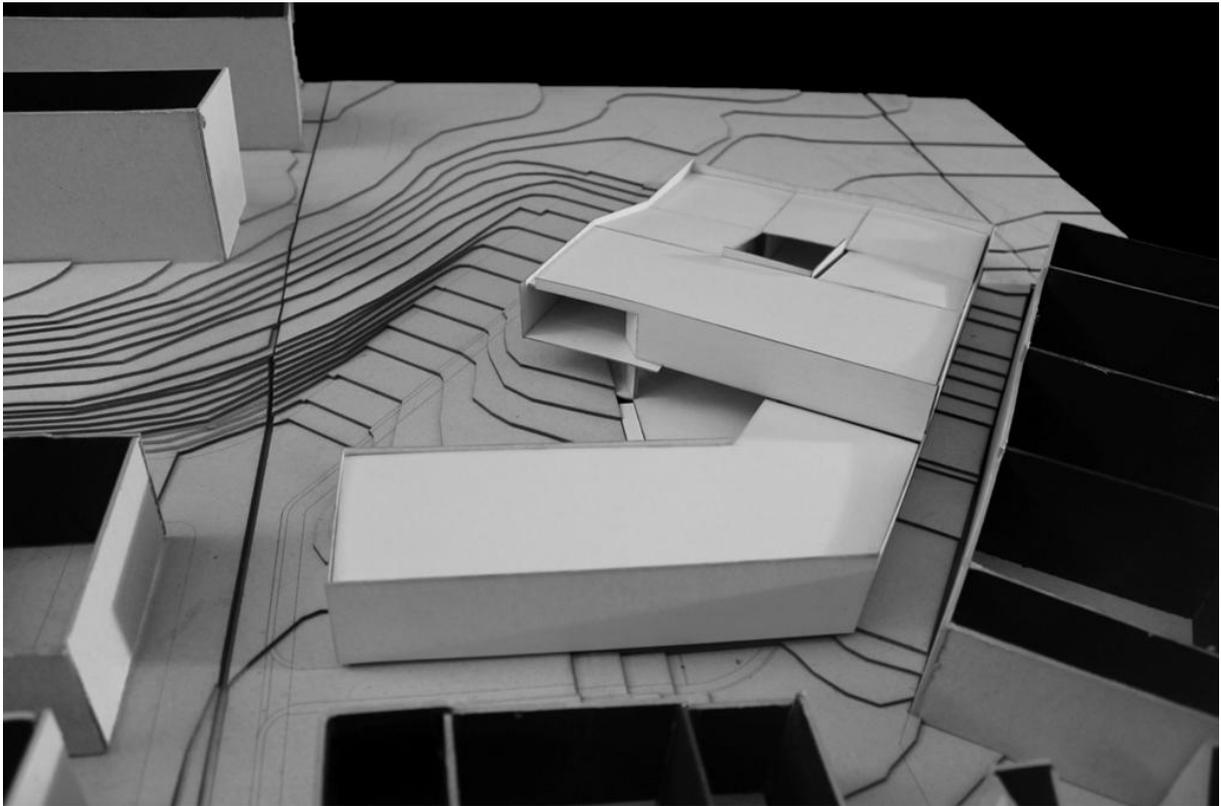
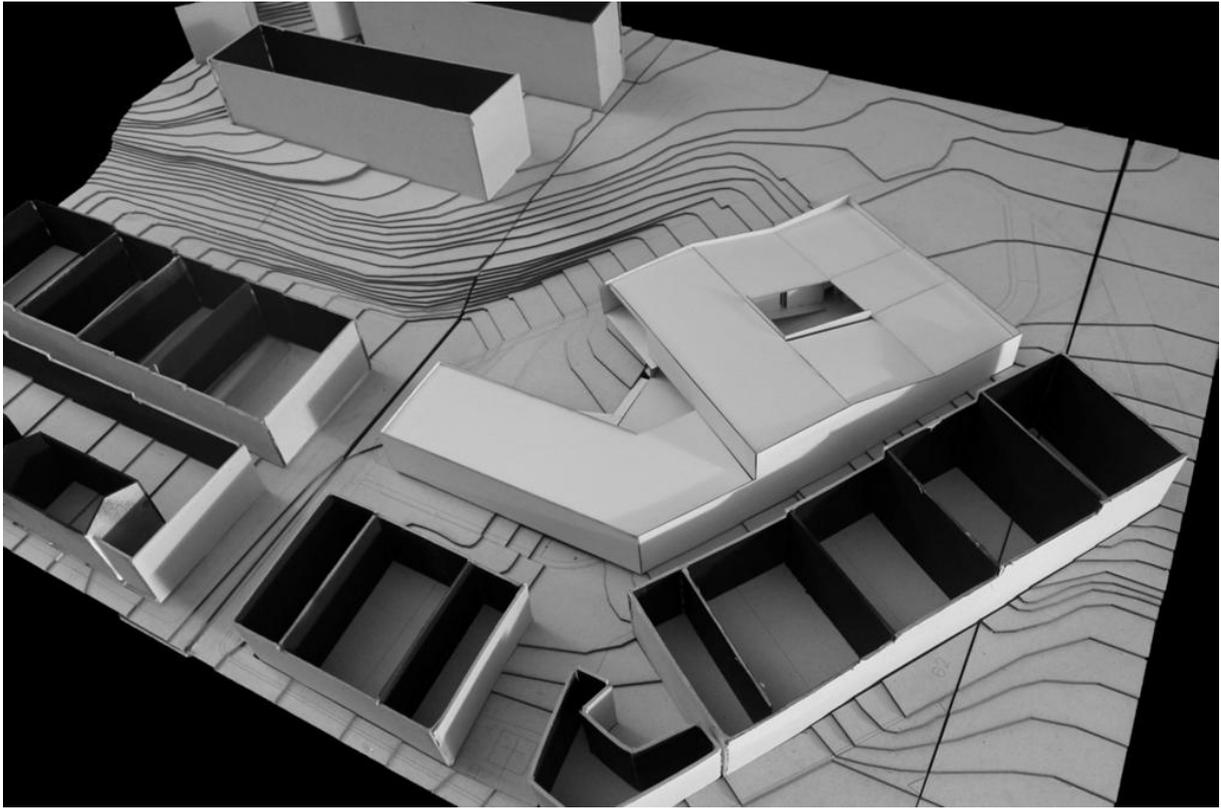
Fonte: Fotografias de Autor

Fig. 34 Maquete conceptual, Escala 1/200 (2)



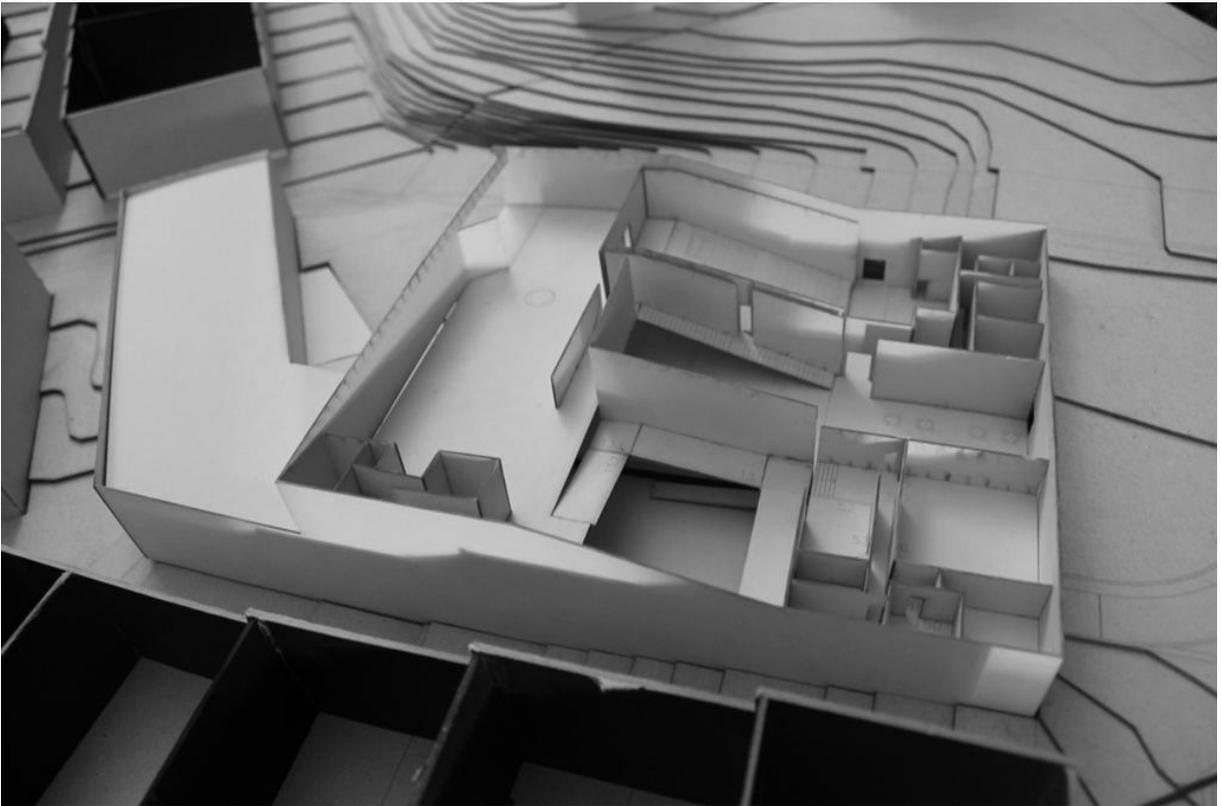
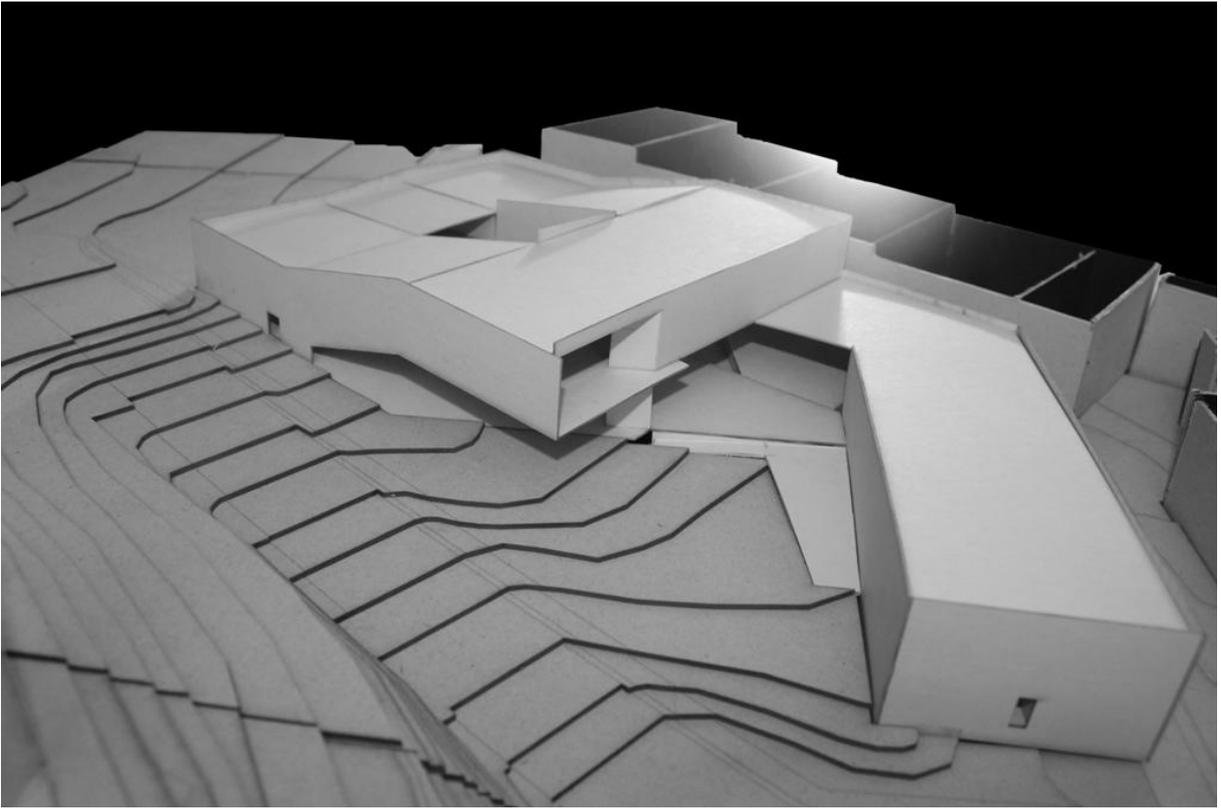
Fonte: Fotografias de Autor

Fig. 35 Maquete final, Escala 1/200



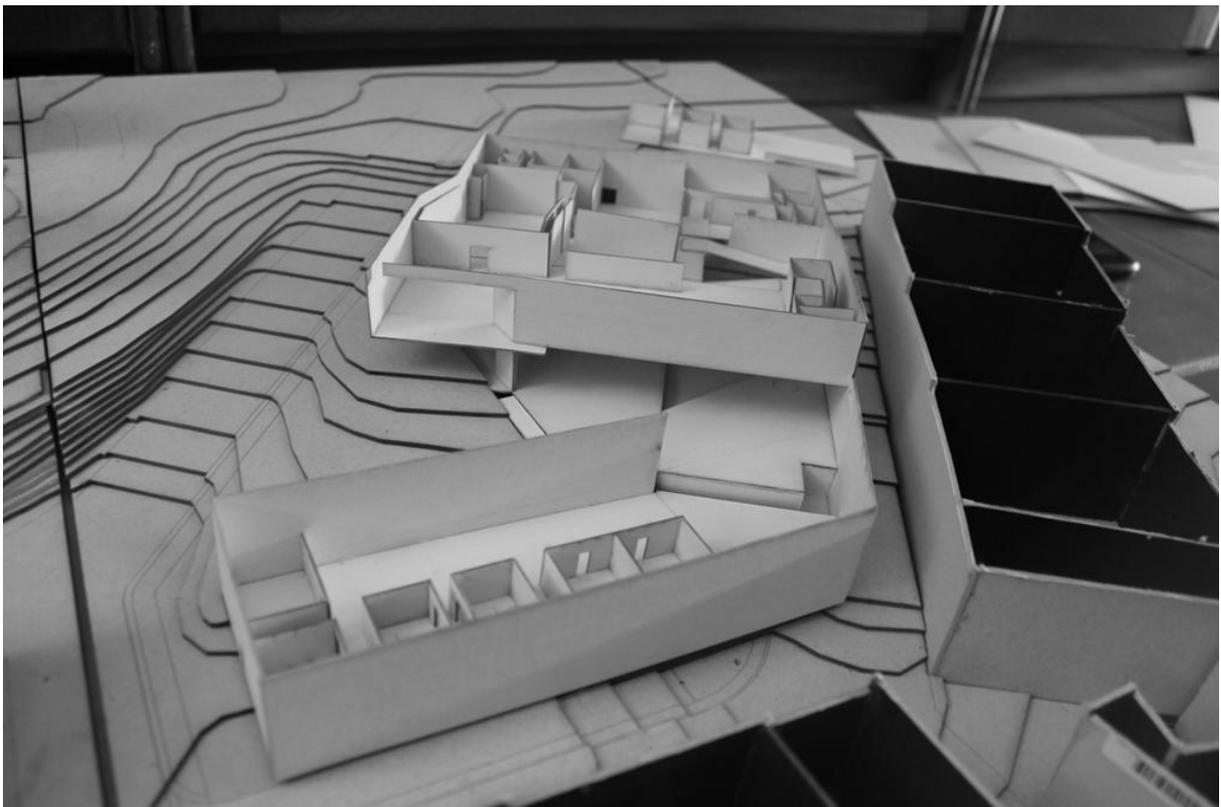
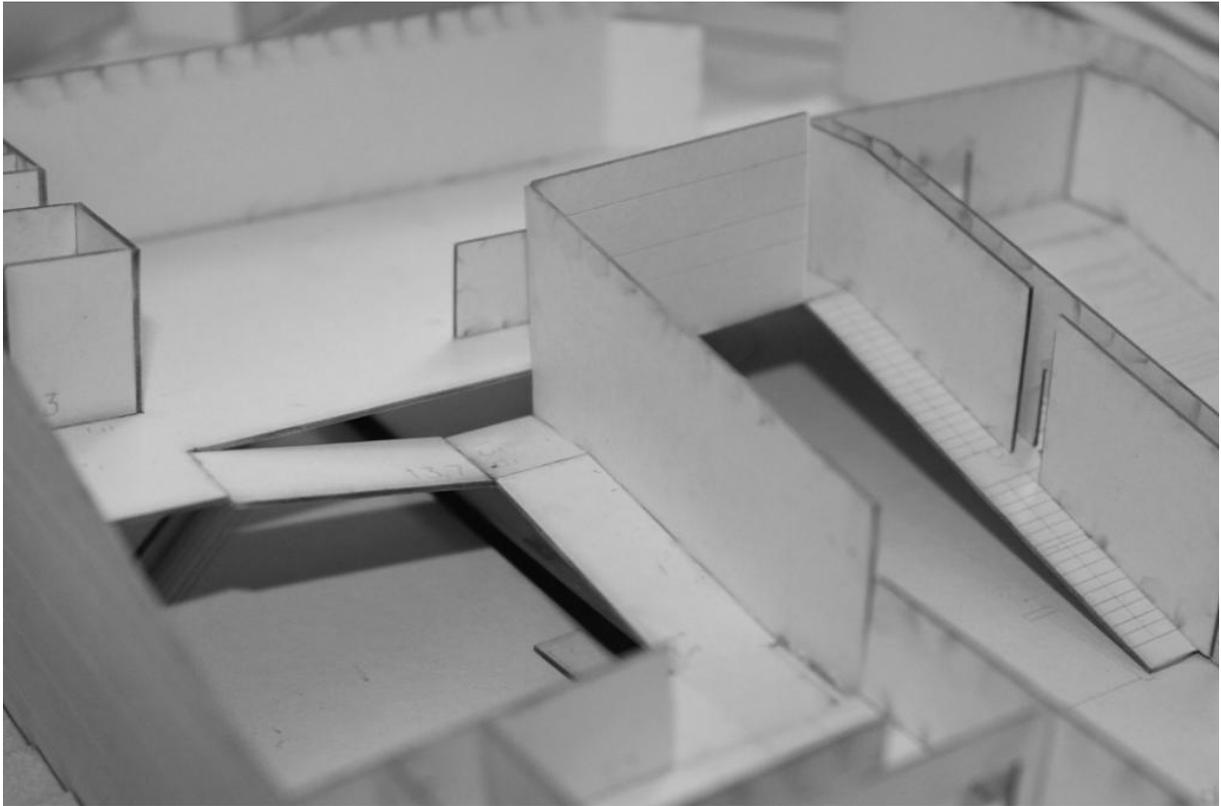
Fonte: Fotografias de Autor

Fig. 36 Maquete final, Escala 1/200 (2)



Fonte: Fotografias de Autor

Fig. 37 Maquete conceptual, Escala 1/200 (3)



Fonte: Fotografias de Autor

